



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Trabalho de Fim de Curso

Título:

Percepções e Práticas Sociais de Recepção Televisiva: o caso das crianças do distrito de Cuamba, província de Niassa.

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane.

Autora: Elisângela Edartisa Teodósio Uatata

Supervisora: Dr^a. Rehana Capurchande

Co-supervisora: Dr^a. Elena Colonna

Maputo, Junho de 2010



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Título:

**Percepções e Práticas Sociais de Recepção Televisiva: o caso das crianças do distrito de
Cuamba, província de Niassa.**

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do
grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane.

Autora: Elisângela Edartisa Teodósio Uatata

Supervisora: Dr^a Rehana Capurchande

Co-supervisora: Dr^a. Elena Colonna

Maputo, Junho de 2010

Percepções e Práticas Sociais de Recepção Televisiva: o caso das crianças do distrito de Cuamba, província de Niassa.

**Percepções e Práticas Sociais de Recepção Televisiva: o caso das crianças do distrito de
Cuamba, província de Niassa.**

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau
de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane.

Elisângela Edartisa Teodósio Uatata

**Departamento de Sociologia
Faculdade De Letras e Ciências Sociais
Universidade Eduardo Mondlane**

Supervisora:

Dra. Rehana Capurchande

O Júri

O Supervisor

O Presidente

O Oponente

.....

.....

.....

Maputo, Junho de 2010

CAPÍTULO 2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO CONCEPTUAL.....	30
2.1 Enquadramento Teórico.....	30
2.2. Enquadramento Conceptual.....	33
CAPÍTULO- 3. METODOLOGIA.....	37
3.1. Do programa à Realidade.....	37
3.3. As técnicas de recolha de dados.....	40
3.4. Constrangimentos da pesquisa e as formas de superação.....	42
CAPÍTULO 4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	44
4.2. A Infância no plural: As Crianças, sujeitos activos do seu quotidiano	45
4.3. O quotidiano das crianças.	47
4.3. Práticas Televisivas na Infância: Conversas, Comentários e Brincadeiras.	52
4.4. O Lugar das Brincadeiras Tradicionais na Infância	53
4.5. A Televisão como Escola Paralela	55
4.6. A Família como espaço privilegiado de interacção social.....	58
4.7. Uma televisão amiga que faz outras amigas.....	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS.	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	66
ANEXO	70

Dedicatória

Dedico este trabalho ao meu pai e ídolo **Teodósio Simão Uatata** (falecido) mas que continua vivo em meu coração sempre, do mesmo modo dedico a minha querida e idolatrada mãe e companheira de todos os momentos, **Juliana Carlos Simão**, mamusca és a melhor mãe do mundo. Igualmente dedico aos meus irmãos Edson, Arleth, Titos e Sabir, aos meus sobrinhos Chelsea, Jorciley, Clayton, Teo, ao meu noivo Cipriano e ao meu filhote Fredy.

Pai, que Deus te abençoe onde quer que estejas e que comigo desfrutes esta alegria que sempre foi o seu sonho realizar. Estarás sempre no meu coração.

Agradecimentos

O meu primeiro agradecimento vai a Deus, pela bênção e iluminação proporcionada durante a minha vida e principalmente pelos anos de carteira. Aos meus familiares, pelo amor e confiança que depositaram em mim durante o tempo que fiquei distante deles.

Ao corpo de docentes do departamento de Sociologia da Universidade Eduardo Mondlane, pelos ensinamentos diários durante o curso. Especialmente a professora Rehana Capurchande e Elena Colonna, por aceitar de bom grado acompanhar e orientar as diversas fases da elaboração do trabalho. A eles um agradecimento muito especial.

Os vossos conselhos e sugestões foram decisivos para o modo como fomos apurando a percepção e compreensão do trabalho. Esse reconhecimento não se circunscreve às recomendações e orientações recebidas. Na verdade, a humanidade no trato, que as caracteriza fizeram deste processo uma experiência extraordinária do ponto de vista humano. Agradeço também a turma de Sociólogos/Sociologistas de 2006, especialmente a casta dos BRAHMIN composta por Braga, Froy, Denise, Bié e Inocêncio, obrigada pelos anos de batalha juntos.

A concretização do trabalho empírico no terreno contou com a colaboração de inúmeras pessoas, a começar pelas crianças que participaram nesta pesquisa. Este agradecimento é extensivo à direcção distrital de educação de Cuamba, especialmente ao corpo directivo da Escola Primária Completa de Maguiguane, ao Chandres e ao professor Idrissa, pela paciência e colaboração no primeiro contacto com as crianças.

Agradeço ao meu noivo Cipriano, pelo longo tempo de espera, o meu muito obrigado. Por fim, não poderia esquecer a ajuda, o suporte afectivo e o incentivo constante de muitos amigos que se disponibilizaram a ler o trabalho e comentar, ao Hélio, Zaqueu e Dárcio pelo seu apoio incondicional.

Agradeço o amparo incondicional das meninas do 113, desde Zulmira, Rosa, Mwema, Esperança e Amélia, o meu muito obrigado. Agradeço também, as insubstituíveis amigas do 110, Mita, Leónia, Danisha, a Magui e ao bloco Central de cima da residência 7, pelos tempos de imensa alegria juntas.

TELEVISÃO OU NÃO

-- Desliga a televisão – disse o pai.

-- Vai lá para fora e vive a vida.

Fui e à noite vim

Com uma abelha na orelha

Um rato no sapato

Cola na camisola

Giz no nariz

Gafanhotos nos bolsos rotos

Um escaravelho no joelho

Uma formiga na barriga

Um leão pela mão

*E atrás um camelo a puxar-
me o cabelo.*

*-- Não vás mais lá para fora – disse
o pai.*

-- Liga a televisão.

Luísa Ducla Soares

Resumo

O estudo tem como tema *Percepções e Práticas Sociais de Recepção televisiva por parte das crianças com idades compreendidas entre os 10 e os 13 anos no contexto rural*. Com este tema, pretendemos compreender e analisar as percepções e práticas sociais infantis resultantes da actividade televisiva.

Partindo de uma análise qualitativa compósita dos dados empíricos, procuramos identificar os espaços de sociabilidade das crianças, fazendo uso de técnicas como conversas informais no quotidiano das crianças, recorrendo a diários, redacção e observação constantes nos diferentes espaços de sociabilidade, tais como: Escola, casa e no trajecto de ida e volta de e para estes locais.

Trabalhamos com 16 crianças da 6ª classe, da Escola Primaria Completa Maguiguane, localizada no distrito de Cuamba, província do Niassa. Para análise dos dados fizemos o uso de duas teorias do quotidiano, o paradigma interpretativo de William Corsaro num cruzamento com a fenomenologia, na abordagem Construtivista da Realidade de Peter Berger e David Luckmann.

Como conclusão preliminar, a televisão ocupa um lugar importante na vida das crianças tendo em conta o seu contexto socioeconómico, e que este pequeno ecrã influencia no modos de vida das crianças como seres sociais plenos e criativos, criando as suas culturas de infância e fazendo escolhas no seu quotidiano.

Constatamos também que as crianças desenvolvem práticas que são recriações do que vêem na televisão. Estas práticas dizem respeito às conversas, comentários e brincadeiras. Verificou-se também que as crianças percebem as informações televisivas segundo o seu mundo de vida infantil.

Palavras chave: *crianças/infância, Percepção Social e Práticas Sociais.*

Abstract

The study has as its theme *Social Practices and Perceptions of television reception by children aged between 10-13 years in the rural context*. With this theme, we intend to understand and analyze children's social perceptions and practices resulting from the business of television.

From a qualitative analysis of composite empirical data, we identify the spaces of sociability of children making use of techniques such as informal conversations in daily life of children, using diaries, writing and observation in the different spaces of sociability, such as school, home and on the way to and from these locations.

We worked with 16 children in the 6th grade of Primary School Maguiguane, located in the district of Cuamba, Niassa Province. Data analysis we used two theories of everyday life, the interpretative paradigm of William Corsaro in a cross with the phenomenology, constructivist approach of Reality by Peter Berger and Luckmann David.

As a preliminary conclusion, television plays an important role in children's lives in view of its socioeconomic context, and this little screen influences the way of children's life as social beings and full creative, creating its culture of childhood and making choices in their daily lives.

We also note children practices that are recreations of what they see on TV; these practices relate conversations, comments and jokes. It was also found that children perceive the information at their television would of daily life.

Keywords: *children/childhood, Social Perception and Social Practices.*

INTRODUÇÃO

Nos dias que correm, a televisão tem vindo a ocupar um espaço preponderante na vida dos indivíduos que a consomem. Dependendo do contexto em que eles estiverem inseridos e da relação que se tiver com a televisão, esta vai reestruturando os seus modos de vida.

Tendo por objectivo, a identificação e análise e compreensão da forma pela qual as crianças se apropriam dos conteúdos televisivos no seu quotidiano e a consequente percepção do lugar que a telenovela e a televisão no geral ocupam nos seus quotidianos, nosso foco de análise são as crianças como consumidoras deste artefacto da modernidade.

As práticas que as crianças reproduzem a partir da apreensão dos conteúdos televisivos, é um tema que tem vindo a ganhar relevo e suscita debates, contribuindo para o desenvolvimento das ciências, sobretudo para as ciências sociais. Estes debates têm seguido duas abordagens teóricas, a mencionar:

A primeira, é a abordagem centrada nos *media* que são os estudos de audiência com enfoque psicológico que se ocupam da relação produto-consumo e dos efeitos que a televisão produz na vida das crianças. Esta, tem por objectivo analisar o efeito da TV sobre as crianças e o consumo do produto televisivo. A centrada nas *práticas sociais de recepção*, abordagem interpretativa da realidade, constitui a segunda abordagem que se ocupa da análise dos comportamentos resultantes dessa influência, atribuindo-as deste modo um papel activo no processo de emissão e recepção de conteúdos televisivos.

As perspectivas actuais da análise crianças e televisão, tendem a ser mais abrangentes, tomando em consideração as contribuições tanto da primeira como da segunda perspectiva. Na medida em que já se leva em consideração a criatividade da criança.

Assim, procuramos trazer no presente trabalho, uma abordagem que procura conciliar estas perspectivas de análise. A razão da nossa escolha prende-se no facto de, para nós, existirem

práticas *socialmente diferenciadas e espacio-temporalmente situadas* e não de um lado «as crianças», «as práticas do quotidiano» e do outro a «televisão».

Focalizamos o contexto social e as múltiplas instituições sociais que também influenciam na sua maneira de perceber os conteúdos televisivos, olhando as crianças como indivíduos dotados de uma capacidade construtivista da realidade em que se encontram inseridos.

Para tal análise, recorreremos ao paradigma interpretativo de William Corsaro (2002)¹ e a fenomenologia na abordagem Construtivista da Realidade de Peter Berger e Thomas Luckmann (1996), esta primeira fortemente influenciada pelas ideias de Max Weber. Ambas têm por objectivo, compreender o significado que os indivíduos dão as suas acções e a forma como elas estruturam as suas relações quotidianas, atribuindo-lhes capacidade de raciocínio, aspecto que antes do surgimento da Sociologia da Infância não tinha sido levado em consideração.

A apreensão do nosso objecto só foi possível com ajuda da pesquisa *qualitativa compósita* pois, este método dá-nos a possibilidade de captar aspectos qualitativos da vida social dos indivíduos, tais como representações sociais, significados que os actores dão aos seus actos e de que forma os vivenciam.

Como acima fizemos menção, neste trabalho, propomo-nos a analisar este binómio *crianças e televisão* equilibradamente, a partir dos dois ângulos e não só a partir de um deles. Perspectivas do género, já foram analisadas no contexto europeu e americano, em particular por autores como (Sara Pereira 1998, Manuel Pinto 2000 e Elena Colonna 2008) tornando-se deste modo relevante a pesquisa deste assunto no contexto moçambicano.

As reflexões no âmbito científico sobre a realidade quotidiana, tem vindo a ocupar um lugar importante no âmbito das Ciências Sociais em Moçambique e na Sociologia em particular. Portanto, cabe a Sociologia analisar as características da vida em sociedade e compreender os

¹¹Corsaro, teórico interpretativista da Sociologia da Infância que teve como sua maiores contribuição estudar a criança como um ser pleno, com opiniões próprias no campo da Sociologia da Infância.

comportamentos sociais dos indivíduos, os factores que os condicionam e as consequências que daí advêm.

Sendo o consumo televisivo, um processo que consiste na emissão e recepção de mensagens e imagens, tem influência sobre os nossos comportamentos em diferentes espaços sociais. Neste quadro, incidimos a nossa análise nas práticas sociais do uso da televisão, tendo como pano de fundo, uma análise sociológica do quotidiano da infância².

Partindo do pressuposto de que, ver televisão não é uma actividade linear e simples em que a criança é alienada pelo ecrã, torna-se pertinente analisar as práticas sociais que imanam da cultura e quotidiano das crianças. Ver televisão é mais do que ter a televisão ligada³, é acima de tudo interpretar e de alguma forma usar estes conteúdos na interacção do seu quotidiano.

Assim, o presente estudo está estruturado em quatro capítulos, a saber: o primeiro capítulo é da formulação do problema de pesquisa, em que expomos a situação do problema de investigação que resume-se numa breve discussão sociológica da influência que a televisão exerce sobre os indivíduos e a construção da realidade subjectiva dessas crianças, que é possível identificar a partir dos seus comportamentos. Esta fase culmina com a nossa questão orientadora de pesquisa, de seguida apresentamos a hipótese, os objectivos do trabalho, a delimitação, justificativa e relevância sociológica do tema, para depois caracterizarmos o programa *Malhação* e caracterizar também o contexto em estudo.

No segundo capítulo, apresentamos o modelo teórico e conceptual com os quais lemos a realidade. Onde apontamos como quadros de análise as teorias do quotidiano, o paradigma interpretativo de William Corsaro e a construção social da realidade de Berger e Luckmann. De seguida, apresentamos o capítulo da metodologia de pesquisa, isto é, os métodos e técnicas de recolha de dados, e neste item os constrangimentos e as formas de os superar.

²Segundo Manuel Sarmiento (2008) Infância é uma palavra de origem *latina (in) fans* que quer dizer o que não fala, aluno (*a) luno* o que não tem luz, o que não trabalha, o que não tem direitos políticos, o que não é imputável, o que não tem responsabilidade parental e judicial, o que carece de razão, etc.

³ Ver televisão não é equivalente a ter a televisão ligada e estar presente no local onde a televisão está ligada, pois muitas vezes ligamos a televisão e ocupamo-nos com outras actividades sem nem se quer prestarmos atenção nela.

No quarto e último capítulo, apresentamos e analisamos os resultados que refletem as influências e as práticas quotidianas infantis no que respeita ao uso da televisão. Finalmente, apresentaremos as considerações finais do trabalho onde trazemos as principais conclusões preliminares do mesmo.

CAPÍTULO- 1. FORMULAÇÃO DO PROBLEMA.

1.1. Orientações dos estudos sobre as crianças.

No presente capítulo apresentamos as várias abordagens científicas sobre o tema crianças e televisão. Deste modo, identificamos basicamente duas perspectivas de análise: A primeira é a abordagem centrada nos *media*, que proporciona a *Invisibilidade da infância*, que toma os indivíduos como sendo elementos passivos na sociedade, isto é, criança como objecto e a segunda é a abordagem centrada nas práticas sociais de recepção televisiva, que tem por objectivo favorecer a *Visibilidade da infância*. Esta última, encara os indivíduos como dotados de capacidades cognitivas, com opinião própria, criativos apesar da influência que sofrem das múltiplas instituições sociais.

1.1.1. Abordagens centradas nos media: *Invisibilidade da Infância*.

Os primeiros estudos de análise sobre a infância surgem na década de 1960 com estudos de Philippe Ariès (1981)⁴. Antes do surgimento da Sociologia da Infância, os estudos cingiam-se basicamente em estudos designados por estudos de audiências, promovidos pelas agências especializadas. Preocupados em primeiro lugar com a relação produto-consumo e com a audiência como mercado, a investigação científica sobre a comunicação tem se centrado predominantemente nas políticas, nas instituições, nos *media* e nos conteúdos, em detrimento dos estudos sobre as práticas sociais de recepção.

Ainda relativamente aos estudos da infância, em que se poderia pensar estarmos já diante de um terreno bastante explorado, a orientação dominante tem sido relativamente circunscrita às abordagens de âmbito psicológico, certamente imprescindíveis para a análise social, mas insuficientes para dar conta dos mundos sociais da infância em toda a sua complexidade.

⁴ Historiador francês e um dos fundadores da Sociologia da Infância que escreve a obra: *História social da criança e da família* de 1960, publicado em francês que foi posteriormente traduzido para português em 1981.

As Ciências Sociais, incluindo a própria Sociologia, antes do surgimento da Sociologia da Infância não consideravam as crianças como um grupo social passível de ser objecto de análise sociológica, por considerar que as crianças não teriam capacidade de reflexão da acção, enfoque essencialmente adultocêntrico. Sendo assim, esta ausência contribuiu para a subsistência da exclusão do conceito de infância⁵ nos estudos científicos e para o desenvolvimento de investigação acerca das crianças.

Manuel Pinto (2000) acredita que não é por acaso que, ao contrário de outras categorias geracionais, a infância não tem sido objecto de análise de grandes estudos sobre as formas e estilos de vida, sobre as atitudes e actividades. Na óptica deste autor, este facto provavelmente deve-se a dependência das crianças relativamente aos cuidados dos adultos (de modo especial dos pais)⁶, que vão decrescendo na medida em que elas vão adquirindo competências específicas, e a entrada para a escola é um marco importante neste processo de desenvolvimento e de autonomização gradual.

A relação crianças e televisão à luz das pesquisas efectuadas nas últimas décadas a nível internacional concluem que a televisão influencia negativamente nas crianças em particular. (Cecilia Von Feilitzen e Carlsson Ulla 2000; Ellen Wartela 2000).

A televisão foi sempre vista pelos autores acima mencionados como um instrumento de transmissão de mensagens aos receptores que as concebem tal e qual foram transmitidas, acriticamente, principalmente quando esses receptores são crianças. Esta perspectiva visa olhar o processo como se resumindo à mera emissão e recepção de mensagens que de certa forma perpetuam o discurso clássico do conceito de *criança* (criança como objecto).

Esta perspectiva surge da concepção clássica Durkheimiana que concebe os indivíduos, neste caso as crianças, como elementos passivos no processo de socialização, em que a sociedade transmite normas, regras, valores e elas concebem-nas de maneira passiva.

⁵ De acordo com Manuel Sarmiento (2008) o historiador Philippe Ariès afirma que, a constituição do conceito de infância nas ciências está na transição dos séculos XVII-XVIII, mas somente nos anos 1960, com o surgimento da Sociologia da Infância é que tomou a forma que tem hoje.

⁶Para Sara Pereira (1998), os estudos sobre a criança, antes do surgimento da Sociologia da Infância estavam incluídos nas análises da Sociologia da Família, da Educação e da Psicologia do desenvolvimento.

Tatiana Merlo-Flores (2000) no seu artigo sobre *Porquê Assistimos à Violência na Televisão?* Afirma que a televisão é um agente socializador que tem vindo a ocupar um espaço preponderante na família, influenciando na formação das identidades infantis.

A autora, afirma ainda que as crianças ao assistirem os programas televisivos, são influenciadas pelos seus conteúdos, desenvolvendo comportamentos agressivos, fazendo com que elas adotem expressões não aceites pela sociedade, ocupando a maior parte do seu tempo em frente ao televisor, tempo este que poderia ser usado para desenvolver outras actividades complementares a escola.

Na perspectiva apresentada por Merlo-Flores (2000) está patente a hiper-valorização do peso do factor televisivo, conferindo-lhe uma importância manifestamente exagerada.

A televisão sempre foi vista como um agente de socialização que exerce alguma influência sobre as crianças, como também os adultos, mas com maior incidência nas primeiras. Tendo em conta os possíveis efeitos negativos da televisão, a telenovela, por exemplo, transmite cenas de agressão, desrespeito e cenas pornográficas, fazendo com que as crianças pautem por comportamentos agressivos que as levem à delinquência infantil.

Na nossa perspectiva, é difícil estabelecer uma relação de causa e efeito entre a exposição da violência na *media* e a agressividade das crianças na vida real. Para Thomas Hammarberg (2000) é preciso proteger as crianças contra as influências nocivas através da *media*, fazendo valer o artigo 17 da Convenção sobre os Direitos da Criança.⁷

Como fizemos referência acima, do material por nós consultado e analisado sobre esta problemática, uma parte considerável limita-se a apontar os efeitos negativos da televisão no geral e da telenovela em particular. Só para citar alguns artigos de pesquisa com esta tendência: *Crianças, media e violência* de Henrikas Yushkiavitshus (2000); *Crianças e influências na*

⁷O artigo 17 da Convenção Sobre os direitos da Criança, ratificado por Moçambique a Outubro de 1990, defende que os Estados partes (...) e garantirão o acesso da criança à informação e ao material proveniente de diversas fontes (...), em especial aqueles que visem promover o seu bem-estar social, espiritual e moral, bem como a sua saúde física e moral.

media: O significado da Convenção da ONU de Thomas Hammarberg (2000); *A criança e a violência na tela* de Cecilia Von Feilitzen (2000); *A criança e a violência na televisão nos EUA* de Ellen Wartella, et all (2000) e *Lutando contra a violência na televisão* de Danifa Lemish (2000).

Estes autores abordam a relação crianças ó TV sob ponto de vista dos comportamentos violentos das crianças e o distanciamento destas do resto do mundo, por um lado, como resultado da aprendizagem televisiva e, por outro lado, como resultado dos diferentes modos de uso da TV, provavelmente sem ter em conta outros factores que podem estar por detrás desses comportamentos considerados desviantes, a título de exemplo o contexto e a estrutura familiar.

Como consequência destas perspectivas, durante muito tempo não se teve em conta que as crianças desempenham um papel activo e selectivo no meio em que se inserem. Brederode Santos (1991) afirma que na relação das crianças com a TV, são também frequentemente subestimadas as diversas formas através das quais elas constroem o sentido daquilo que vêem; não se considera que *vendo televisão, as crianças retiram informações, modelos de comportamento, atitudes e valores que, aliás, interpretam e reconstroem à sua maneira.* (apud, Pereira, 2008:242).

Apesar de esta perspectiva teórica apresentar inúmeras lacunas na análise sobre a relação entre crianças e os *media*, podemos nos apropriar de algumas contribuições que consideramos importantes ao longo da nossa análise, pois ela não é de um todo negativa, pois concordamos com a posição segundo a qual a televisão influencia no comportamento dos indivíduos, não de forma isolada, mas associada a outros factores, e estas crianças não são apáticas a esta influência.

1.1.2. Abordagens centradas nas práticas sociais de recepção: *Visibilidade da Infância.*

A segunda perspectiva de análise surge com o intuito de contrapor a concepção psicologizante apresentada principalmente por psicólogos, avança a ideia segundo a qual é importante começarmos a olhar a realidade sob o ponto de vista das próprias crianças e não pelos olhos dos adultos, aquilo que os autores da Sociologia da Infância denominaram adultocentrismo.

No mesmo diapasão, segundo Manuel Pinto (2000), o autor David Buckingham (1994) propõe um novo questionamento nas análises sobre as crianças e a televisão. Para este autor, seria mais interessante procurarmos saber o que as crianças fazem com os conteúdos de que se apropriam dela, pois daquele modo estar-se-ia a dar vida e voz aos que não tem voz.

Ao nível das ciências sociais, a Sociologia da Infância é que vem criticar esta ideia patente nos estudos da Psicologia do Desenvolvimento e da Sociologia da Educação e Família com vista a introduzir uma nova abordagem que se centra nas práticas das próprias crianças que são típicas da sua categoria geracional da infância, crianças como *actores sociais plenos*, com capacidade de interpretar e reproduzir o que vêem e ouvem no seu quotidiano.

Para Sara Pereira (1998), considerar as crianças como actores sociais, com capacidade de criar e recriar o seu quotidiano não é suficiente, temos também de ter em conta o tipo de relação que estabelecem com o aparelho televisivo, tendo em atenção o seu contexto sociocultural de pertença.

Os conteúdos televisivos são geralmente consumidos no espaço familiar, mas está presente directa ou indirectamente em muitas outras esferas sociais, tais como escola, grupo de amigos, jardim-de-infância, entre outros. Todos os indivíduos pertencentes a diferentes faixas etárias vêem televisão, mas o nosso alvo nesta pesquisa são as crianças como consumidoras e interpretadoras deste artefacto da modernidade.

Para os autores da perspectiva interpretativa, as práticas televisivas das crianças estão enraizadas no conjunto das práticas quotidianas das mesmas e estas participam no processo de construção da sua identidade. As práticas televisivas também constituem parte do conjunto vasto do que Manuel Sarmiento (2008) chama de *Culturas da Infância*⁸. Contudo o aspecto da construção da identidade não é do nosso interesse nesse trabalho, porém temos noção da sua existência no processo de interacção Crianças-TV.

⁸Por este conceito entende-se a capacidade das crianças em construir de forma sistematizada modos de significação do mundo e de acção intencional, que são distintos dos modos adultos de significação e acção. (Corsaro 1997, James, Jenks e Prout 1998).

E para que se tenha uma visão mais aproximada da realidade, é necessário que se tome em consideração o lugar que a televisão no geral e a telenovela em particular ocupam na sociedade, para não correremos o risco de ter uma visão incompleta da realidade, tornando-se assim relevante compreender como as crianças estruturam suas relações com base nos conteúdos televisivos por elas apreendidos.

Na actualidade, a televisão tem vindo a ocupar uma parte significativa do tempo das crianças durante o período em que não estão na escola e não estão a brincar com os seus amigos. No entanto, elas aprendem dos conteúdos televisivos (telenovelas) tornando-se capazes, criativas e activas no desenvolvimento das práticas que estruturam o quotidiano das mesmas. (Sara Pereira, 1998; Manuel Pinto, 2000; Anthony Giddens, 2008).

A relação que se pode estabelecer entre as crianças e a televisão é de certa forma inevitável nas sociedades actuais quando se fala de centros urbanos e suburbanos, falamos de telenovelas e as práticas desenvolvidas pelas crianças, ou seja, as brincadeiras, conversas e comentários nas *relações de pares*⁹.

É certo que a TV tornou-se um agente socializador no seio da família, mas este não ocupa necessariamente o lugar e função da família, pois não podemos olhar para este fenómeno sob ponto de vista unidimensional, porque para os teóricos de orientação interpretativa, estes elementos agem em comum na sociabilidade das crianças, umas vezes conflituando e outras complementando-se.

Neste sentido a orientação interpretativa trata desta relação de forma recíproca. De um lado temos a sociedade que exerce influência sobre a família através de instituições sociais como meios de comunicação de massa, igreja, escola, entre outros, e de outro lado temos a família que influencia a sociedade, através das normas, valores que a caracterizam, e que em função destas a

⁹ Como sugere Manuel Sarmiento (2008) e outros autores da Sociologia da Infância, com relações de pares queremos nos referir a todas aquelas relações que se estabelecem entre as crianças.

sociedade age. De recordar que esta separação é apenas analítica, pois este processo acontece em simultâneo. Esta influência verifica-se na qualidade e horário dos programas televisivos.

Tal como afirma a autora Maria Olívia Dias (s/d)¹⁰ no seu artigo intitulado *A Família numa sociedade em Mudança: Problemas e Influências Recíprocas* (s/d), é necessário que as informações que os meios de comunicação propalam sejam favoráveis em relação aos valores mais fortes da família. É esta expectativa que as famílias têm dos meios de comunicação, pelo menos no horário nobre. Esta afirmação demonstra a influência que a família exerce sobre a sociedade e ou as diversas instituições.

As comunicações, Como programas de rádio, televisão, cinema, etc., e a família têm o mesmo direito e obrigação de seleccionar o que mais dignamente a enriquece e a torna feliz, neste campo. Sendo assim, a família tem um importante papel a desempenhar na elaboração e programação que a sociedade lhe oferece. (Dias, s/d: 85).

Sendo assim, a televisão tem um papel importante na interacção familiar, pois para Sara Pereira (1998) o espaço familiar constitui o contexto mais imediato e mais significativo em que ocorre por norma o consumo de televisão.

A autora acrescenta ainda que o tipo de relação das crianças com a TV parece estar associado aos valores, normas e estilos de vida vigentes no agregado familiar. Para ela, esta não é a única variável a considerar, temos de ter em conta também o contexto, a própria motivação, características da habitação e da zona de residência, o tipo de família e o número de filhos, o número de receptores e a topografia da sua localização, os horários dos diferentes membros do agregado, recursos materiais e simbólicos, as ofertas culturais e educativas, as redes de sociabilidade e de convivência, as políticas públicas a nível central e local, etc.

Desta lista de factores, podemos concluir que são vários os elementos que participam do processo de socialização e que no contexto europeu onde foi desenvolvida a pesquisa, quanto mais deficientes e penalizadoras forem as condições e os contextos da vida social das crianças,

¹⁰ Docente do Instituto Universitário de Desenvolvimento e Promoção Social do Polo de Viseu da Universidade Católica portuguesa.

mais elas tenderão a recorrer ao mundo ficcional que a TV lhes proporciona em doses abundantes.

Contudo, para os teóricos interpretativos, não faz sentido separar a TV da vida real, porque para parte considerável não só de crianças como de telespectadores no geral, a TV já faz parte da vida real. O problema para Pereira (1998) começa quando esta hegemoniza a vida das pessoas, surgindo a cultura da globalização que tende a uniformizar a expressão das crianças que consomem os mesmos produtos que são gerais a todas as crianças que tem acesso a um mesmo produto cultural dos *media*.

À luz das ideias de Pereira, sabemos que o contexto social em que cada um se encontra inserido influencia grandemente na maneira de ver TV e como estes conteúdos são interpretados. Neste sentido, o processo de socialização sofreu grandes transformações, emergindo novos quadros de influência e novas agências de socialização, nomeadamente os meios de comunicação de massa, as creches e infantários.

No entanto, David Buckingham (1994; 2000) e Manuel Pinto (2000) sublinham que *a recepção dos conteúdos televisivos por parte das crianças não é passiva, pelo contrário, as crianças são receptores interpretativos e frequentemente críticos, ainda que desavisados da cultura de massa.* (apud, Manuel Sarmiento, 2006). É portanto a interpretação das formas vinculadas pelos *media* que as crianças inscrevem no seu quotidiano, não a reprodução linear dessas formas, mas a recriação das mesmas.

Na relação que se estabelece entre as crianças e a televisão, tem-se no centro da análise, as *crianças como actores sociais*, com capacidade de interpretar e reproduzir o que a telenovela transmite que pode ou não ir de acordo com aquilo que é a socialização familiar.

Pereira (2008) explica-nos esta tendência, a partir das ideias dominantes sobre a infância, de modo a tornar as crianças não só activas como também passíveis de estudos sociológicos.

Os discursos e as pesquisas sobre a relação crianças-televisão reflectem, inevitavelmente, as ideologias dominantes sobre a infância. As críticas apontadas à televisão, a sua influência

negativa na vida das crianças, tem implícita uma concepção da infância como pura e indefesa. As crianças são vistas como vítimas passivas das influências do meio, observando o que vêem e ouvem sem capacidade de discriminação activa. (Pereira, 2008: 242).

Apesar de todas estas evidências teóricas por nós apresentadas, e depois de problematizada a questão, podemos resumir a questão da seguinte maneira: *De que forma as crianças percebem e fazem uso dos conteúdos televisivos no seu quotidiano?*

1.2. Hipótese de Trabalho.

Com o intuito de oferecer explicações provisórias ao problema em estudo e ao mesmo tempo criar um fio condutor em busca de informações passíveis de análise sociológica, e assim responder a questão acima colocada, tendo em consideração a possibilidade de esta ser rejeitada, estabelecemos a hipótese segundo a qual:

- As crianças interpretam e reproduzem de forma activa os conteúdos televisivos, inventando brincadeiras, adoptando expressões e comentários nas suas relações de pares.

1.3. Objectivos.

1.3.1. Objectivo Geral:

- O estudo tem como objectivo geral analisar e compreender a forma como as crianças se apropriam e fazem uso dos conteúdos televisivos no seu quotidiano.

1.3.2. Objectivos Específicos:

- Identificar comportamentos sociais resultantes de aprendizagens televisivas;
- Identificar os diversos espaços sociais em que as crianças fazem uso dos conteúdos televisivos
- Descrever como a percepção dos conteúdos televisivos influencia na maneira como as crianças se relacionam umas com as outras.

1.4. Delimitação do tema.

No campo das Ciências Sociais e da Sociologia em particular, as influências dos conteúdos televisivos nos comportamentos vêm adquirindo visibilidade crescente. Ao estudarmos os agentes sociais que são utentes, estar-se-á a valorizar e a aprofundar o estatuto dos telespectadores e das audiências enquanto campo e perspectiva de estudo. A Sociologia como ciência do social procura compreender as mudanças que as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação impõem aos indivíduos.

O estudo realizou-se no distrito de Cuamba, província do Niassa, com crianças dos 10 aos 13 anos de idade, todas elas vivendo a redores da vila do mesmo nome. Cuaba caracteriza-se como um local calmo, sem muito tráfego de carros o que de certa forma oferece mais segurança para a livre circulação de crianças. De salientar que o estudo realiza-se com 16 crianças de ambos sexos, da Escola Primária Maguigane localizada no centro da cidade.

Este estudo visa analisar aspectos relacionados com as influencias que a televisão exerce sobre as crianças e as múltiplas instituições que participam deste processo no contexto moçambicano no geral e de Cuamba em particular.

A nossa abordagem tem como referência estudos realizados em contexto europeu por ser neste contexto que estudos do género foram desenvolvidos e por estes mostrarem que, a televisão é um factor de socialização que veio complementar o papel da família e de outros agentes e espaços de socialização, tais como creche, igreja, escola, entre outros.

Com efeito, o estudo centra-se na compreensão do comportamento dos indivíduos em sociedade, e como este comportamento afecta as relações sociais, a forma de ser, estar e agir numa determinada época e espaço.

Não obstante em Moçambique os estudos sobre as crianças cingirem-se a relatórios com abordagem estatístico-quantitativa, tendo como finalidade a planificação de projectos de intervenção, realizados por órgãos não governamentais, tais como a Unicef, Unesco, Save the

Childrem. O nosso campo de análise delimita-se às crianças e a sua relação com a televisão, no que concerne as práticas de recepção televisiva da telenovela *Malhação Múltipla Escolha*.

Estudos com esta orientação tem vindo a ganhar espaço na realidade moçambicana, é o caso das ideias de pesquisas recentes realizadas por Elena Colonna (2008)¹¹ sobre as crianças chefes de família de um dos bairros da cidade de Maputo e sobre a experiência de ser criança em Maputo. Do mesmo modo, recentemente foi lançado o relatório sobre a criança na imprensa: análise da cobertura jornalística de 2009, com o intuito de identificar lacunas e incentivar estudos nesta área tendo como base a criatividade das crianças e levando em consideração as suas opiniões. Razão pela qual nas recomendações do relatório podemos ver que se realça a importância de dar voz as crianças e ouvir a opinião delas sobre assuntos que a ela dizem respeito.

1.5. Justificativa e relevância sociológica do tema.

Estudos na área de transformações das práticas sócias na infância, resultantes da influência dos *media*, tem ocupado um lugar importante nas reflexões das Ciências Sociais. Com a globalização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), a presença da televisão na vida dos indivíduos pode constituir um aspecto característico da modernidade moçambicana.

Como resultado desta globalização, a televisão tem sido naturalizada por parte dos consumidores, na medida em que não consideram uma actividade digna de realce. Todavia, a televisão é fruto da imaginação humana e dá um novo sentido ao contexto social actual.

No entanto, os avanços tecnológicos podem causar mudanças nas práticas quotidianas dos indivíduos e a televisão em particular tem este poder de influenciar os padrões de comportamento dos indivíduos. Torna-se deste modo interessante estudar e compreender o que os indivíduos pensam sobre a televisão e quais as práticas por eles desenvolvidas que tenham relação com a televisão.

¹¹ Pesquisadora da Universidade de Minho- Portugal, em Estudos sobre a infância.

Estamos perante terrenos quase inexplorados do ponto de vista teórico e empírico da Sociologia, pelo menos em Moçambique. Por isso é importante desenvolver estudos científicos relacionados com o assunto no campo da Sociologia e no contexto Moçambicano em particular.

Este estudo será para a sociedade um contributo em relação à maneira de olhar para as crianças como actores sociais e produtores da sua própria cultura de infância e, por ser um campo novo da Sociologia, precisa de ser devidamente explorado.

Interessa-nos abordar este aspecto tendo como base de análise as crianças, de modo a incentivar estudos teórico-empíricos e para futuras análises não só da Sociologia como de outras áreas afins.

O uso da televisão tem sido justificado como actividade dos tempos livres e por este estar *naturalmente* presente em quase todas as famílias moçambicanas, a actividade de ver televisão é tomada como sendo óbvia e evidente no quotidiano dos indivíduos.

No entanto, esta naturalização suscita indagações como, de que forma a televisão influencia nas práticas sociais infantis e como estas crianças usam estes conteúdos para estruturar as suas relações quotidianas.

Todavia, apesar da constante presença da televisão e do número elevado de crianças em Moçambique¹², segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE, 2007), as crianças dos 0 aos 14 anos de idade representam 46.9% da população total moçambicana. Constata-se um relativo vazio de estudos da relação crianças e televisão nas Ciências Sociais em geral e na Sociologia em Moçambique, em particular. O que quer dizer que a televisão como objecto tem sido pouco explorada em termos de produção sociológica em Moçambique, daí o nosso interesse pela área.

A pertinência sociológica do trabalho reside no facto de o tema poder demonstrar que é possível analisar sociologicamente a realidade da vida quotidiana e ou a realidade do uso da televisão por parte de crianças de um contexto rural específico.

¹² Os resultados definitivos do 3º censo geral da população Moçambicana realizados entre 1 a 15 de 2007 retratam que as crianças representam mais do que a metade da população total.

1.6. O programa *Malhação Multipla-Escolha*.

Eduardo Costa (2010)¹³ afirma que a maior influência brasileira chega a Moçambique através da televisão, que funciona em Moçambique há 30 anos e sempre mostrou telenovelas brasileiras. Subscrevendo as ideias deste autor, Carlos Serra (2010)¹⁴, afirma nos seus comentários sobre as telenovelas que, *a novela é um momento absolutamente sagrado da vida moçambicana. As famílias, especialmente à noite, param, desde os anos 80, para ouvir, ler, interpretar, ver e comungar aquilo: as histórias trazidas pela novela brasileira.*

Serra (2010), acrescenta que ãAinda não se tem um estudo aprofundado sobre o tema, mas fatalmente ele será feito para avaliar como a trama, os personagens e o enredo influenciam a nossa forma de ser urbana.ö Actrizes das novelas têm suas vidas acompanhadas de perto por programas de variedades na televisão e comentadas entre os moçambicanos, a exemplo do que ocorre no Brasil. As atitudes e roupas dos actores influenciam o jeito de vestir e de viver das jovens.

Seleccionámos para o estudo a telenovela *Malhação* transmitida pela Televisão de Moçambique por ser o único canal de televisão público que emite os seus sinais neste ponto do país e *Malhação* por se tratar de um programa infanto-juvenil e por ser transmitido num horário em que as crianças podem acompanhar, isto é, 19 horas, aspecto para ter em consideração pelo facto de em outros contextos com mais de um canal de televisão a situação poder vir a ser diferente.

Malhação é um dos programas mais longos da TV Globo, que teve o seu início em 1995 e em 2010 exhibe a sua 17ª temporada. Em Moçambique, esta telenovela começa a ser exibida através da TVM e teve ao decorrer dos anos, diversas temáticas e diferentes protagonistas que variam de acordo com os acontecimentos exibidos. O programa é transmitido de segunda a sexta-feira, as 19horas.

Sendo o programa é uma novela-seriado voltada para um público infanto-juvenil e baseia sua trama em triângulos amorosos (dos adultos e dos jovens) e em tramas temáticas que geram

¹³ Eduardo Costa é o correspondente da empresa brasileira de comunicação para África.

¹⁴ Carlos Serra, Sociólogo, pesquisador do Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane.

discussões entre os personagens sobre questões do quotidiano. Os assuntos retratados são: sexo, trabalho, aborto, casamento na adolescência, vida sexual, racismo, gravidez precoce, HIV/ SIDA, relação com a família, a entrada de jovens as universidades, conflitos entre amizades e namoros, entre trabalho e estudo, etc.

1.7. Breve caracterização do distrito de Cuamba.

O distrito de Cuamba está localizado na parte sul da província do Niassa, a 295km de Lichinga, confinando a norte com o distrito de Mandimba e Metarica, a sul com os distritos de Mecanhelas e Gurué, este último da província da Zambézia, a Este com os distritos de Lalaua e Malema da província de Nampula e com o distrito de Gurué da província da Zambézia, e a Oeste com o distrito de mecanhalas.

A população é jovem (45% abaixo dos 15 anos de idade) maioritariamente feminina. Este distrito caracteriza-se como um local calmo, com uma mescla de algumas características urbanas e rurais, sem muito movimento de carros pelas estradas o que permite de alguma forma a fácil circulação das crianças atravessando as ruas de uma casa para a outra.

As residências são geralmente espaçosas e vedadas de um muro que garante a segurança dos seus moradores. O que separa estes moradores são muros de altura média, lembrando-nos a expressão *espírito de boa vizinhança*. Neste ponto do país apenas a televisão de Moçambique transmite os seus sinais.

CAPÍTULO – 2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO CONCEPTUAL

Neste capítulo apresentamos a perspectiva na qual nos baseamos para analisar os dados e os conceitos norteadores da análise.

2.1 Enquadramento Teórico

Elísio Macamo (2004), afirma que:

Sempre que olhamos para o social fazemo-lo a partir de uma certa perspectiva. Através dela apreendemos a realidade de forma muito específica. As perspectivas são formas de organização da observação e por meio disso, de organização da realidade social. A perspectiva é como lentes de óculos: a realidade assume a cor das lentes, se forem verdes, ela será verde, se forem escuras, a realidade, por mais claro que esteja o dia, será também escura. (Macamo:2004:13)

De acordo com os nossos objectivos, o paradigma interpretativo parece-nos o que mais se adequa ao nosso estudo, pois tomamos as crianças como seres sociais plenos, com capacidades de interpretar o que acompanham nas telenovelas e usar esses conhecimentos nas suas práticas quotidianas.

Sendo assim, convêm afirmar que há uma influência recíproca entre a TV e as crianças no processo de socialização familiar, pois, estes dois elementos agem em conjunto, fornecendo materiais simbólicos com os quais as crianças desenvolvem práticas e maneiras de ser, estar e sentir na relação com os seus pares.

Para a presente análise, a perspectiva interpretativa dos factos sociais no campo da infância defendida por William Corsaro (2002), orientará o nosso trabalho, como fizemos referência na introdução, esta teoria sustenta a importância do significado que se dá as acções dos indivíduos. Este significado dá-se a um comportamento específico.

Associada a esta teoria, tomamos como lentes também o modelo construtivista da realidade de base fenomenológica usando a Sociologia do Conhecimento de Peter Berger e Thomas Luckmann (1996).

A fenomenologia é o estudo da experiência humana e da consciência na vida diária, esta é a forma inicialmente formulada por Alfred Schutz. A Sociologia fenomenológica constitui o estudo da ligação entre consciência humana e vida social, entre a maneira como as pessoas percebem, pensam e falam sobre a vida social, por um lado, e a forma assumida pela vida social, por outro lado. (Lúcia Demartis, 1999:11).

A Sociologia fenomenológica debruça-se sobre a experiência do dia-a-dia dos indivíduos, e na maneira como esta experiência diária os leva a interpretar o mundo. O conhecimento do quotidiano para os indivíduos tem sentido e significado para eles, na medida em que lhes serve para estruturar o seu quotidiano e perpetuar acções.

Todos estes modelos de análise social partem de observações do quotidiano, inseridos no seio de esquemas interpretativos, que estruturam o quotidiano dos indivíduos. E estes tomam esta interpretação como algo evidente, *natural* e por isso exerce influência nas suas práticas diárias.

(...) a vida quotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjectivamente dotada de sentido para eles, na medida em que, forma um mundo coerente. Como sociólogos, tomamos esta realidade como objecto de nossas análises. Sendo que entre as múltiplas realidades, há uma que se apresenta como sendo a realidade por excelência. É a realidade da vida quotidiana. (Berger e Luckmann, 1996:38)

A realidade a que os autores fazem referência tende a ser vista numa perspectiva construtivista da mesma, encarando-a como socialmente construída, tendo os indivíduos o papel de definidores da mesma. De salientar que estas teorias do quotidiano evidenciam o papel do conhecimento do senso comum para compreensão do dia-a-dia dos sujeitos. E para Berger e Luckmann (1996), a realidade está em constante criação e recriação em cada relação quotidiana.

Na perspectiva de Berger e Luckmann (1996:46).

A vida quotidiana é caracterizada de interacções entre os que utilizam símbolos para se interpretarem reciprocamente e atribuir significações às percepções e experiências do mundo vida, marcado por correntes de rotinas diárias, interacções e eventos aceites como coisas naturais e consideradas não só como origem das experiências individuais, mas também das formas

assumidas pelo grupo e pela sociedade. Sendo que a realidade da vida quotidiana é partilhada com os outros.

A perspectiva segundo a qual as crianças têm um papel activo perante os conteúdos televisivos é avançada primeiramente, por Wilbur Schuramm (1965), de modo a provar que as crianças não são simples receptores de mensagens, sem capacidade para as reinterpretar segundo os seus mundos de vida que são específicos à sua categoria de infância. (*apud*, Manuel Pinto, 2000).

A necessidade de estudar as crianças criativas, advém do interesse de mudança de discurso quando o assunto é crianças, na medida em que as crianças moçambicanas tem sido vistas e analisadas como se não tivessem acção. E de modo a contrariar esta linha de pensamento, tal como Teles Huo (2009) o fez no estudo sobre linchamento em Moçambique.¹⁵

A Sociologia da Infância propõe uma distinção analítica no seu duplo objecto de estudo: primeiro analisar as *crianças como actores sociais*, nos seus mundos de vida; segundo analisar a *infância como categoria social geracional e socialmente construída*. Para o estudo, optamos por conjugar as duas propostas de modo a que a abordagem se torne mais completa.

Por um lado, analisamos a criança como actor social pelo facto de ser ela um agente activo do processo de elaboração de significados e que em função desse significado desenvolve práticas e relações sociais. Por outro lado, as crianças são parte duma categoria social geracional denominada infância, que dela fazem parte todas as crianças que comungam os mesmos significados ou não, símbolos que podem diferir de outras em função dos contextos, mas nem por isso deixam de fazer parte desta categoria.

A categoria infância não é homogénea, ela apresenta características variadas, em função do seu contexto. Mas ela está sempre presente, apesar de composta por novos indivíduos, porque as crianças crescem e deixam de fazer parte da categoria infância passando a ser adultos e a pertencer a categoria dos adultos.

¹⁵ A análise das percepções existentes sobre ladrões e feiticeiros a partir da opinião dos alunos em redacções realizadas nas províncias da Zambézia e Inhambane, neste estudo chega-se a conclusão de que existe um forte potencial de violência punitiva nas crianças.

Na categoria infância, existem características próprias que identificam as crianças, por exemplo, brincar. Apesar de em alguns casos existirem diferenciações entre elas, esta, pode ser em contextos semelhantes ou diferentes do seu, dependendo de factores como, categoria social, a condição de dependência perante os mais velhos, o sexo, a idade e a condição social.

As teorias aqui apresentadas foram úteis na medida em que permitiram perceber o processo de recepção das mensagens das telenovelas de maneira interpretativa, por parte das crianças, que são tidas neste trabalho como agentes plenos, com opinião própria e produtoras de sua própria opinião. Deste modo, o paradigma interpretativo permite-nos analisar como as crianças interpretam o que vêem e a forma como esta percepção estrutura as suas relações quotidianas.

2.2. Enquadramento Conceptual

Os conceitos principais que irão nos ajudar a ler esta realidade são o conceito de *infância, crianças, percepção social e práticas sociais*. Manuel Sarmiento (2008) discute o conceito de *crianças* e os limites da *infância*, afirmando que não existe uma definição universal do que é ser criança, pois este aspecto é diferentemente vivido por cada um, de modo distinto consoante o contexto em que se encontra.

Ser criança varia entre sociedades, culturas e comunidades, pode variar no interior da fratria de uma mesma família e varia de acordo com a estratificação social. Do mesmo modo, varia com a duração histórica, e com a definição institucional da infância dominante em cada época.
(Sarmiento, 2008:4).

Deste modo, assumimos a hipótese segundo a qual, ser criança é ter menos de 18 anos, tal como preconiza tanto o Código Civil no seu artigo 122^o como a Convenção sobre os Direitos da Criança no seu artigo 1^o, mas conscientes de que este aspecto é controverso, principalmente tratando-se de contextos rurais como é o caso do distrito em causa.

Nesta ordem de ideias, o conceito que usamos no nosso trabalho é que crianças são todos os seres bio-psico-sociais que se encontram na primeira fase de suas vidas e que ainda não foram submetidos aos ritos de iniciação. Pois neste contexto não basta atingir os 18 anos para deixar de

ser criança, mas a ida ou não aos ritos de iniciação contribui em grande medida para que ela por si e a sociedade a considere adulta.

Na mesma linha de pensamento, podemos encontrar as ideias de Bob Franklin (1995) que comunga da ideia de que a *infância* não é uma experiência universal de qualquer duração fixa, mas é diferentemente construída, com relação ao género, classe, etnia e história e que culturas e histórias diferentes constroem diferentes mundos de vida. (*apud*, Sarmiento, 2008:5).

Ouvir as vozes das *crianças* é a mais nova concepção que se deve levar a cabo pelos pesquisadores do campo da Sociologia da Infância. De certa forma é contribuir para a implementação do artigo 12º da convenção sobre os direitos das crianças.¹⁶

Sendo assim, Qvortrup (1991) afirma a necessidade do estudo da criança a partir de si própria, analisando actividades da infância em si própria e o tempo próprio das crianças como fenómenos de pleno direito. (*apud*, Sarmiento, 2008:6).

É evidente a capacidade criativa e recreativa que os indivíduos (as crianças) do senso comum têm da realidade, bastando que para tal experimentem acções com os seus pares (família, grupo de amigos, professores, etc.) no meio social em que se encontram inseridos. Para tal criatividade, os indivíduos percebem os factos de forma subjectiva.

O conceito de *percepção social* é visto por Paulo Clemente et.al (1997) como uma actividade mental do indivíduo em contacto com a realidade em que se envolve ou ainda, maneira de se relacionar com o mundo como fruto do contacto que se tem com o próprio mundo.

Trata-se aqui da forma como o individuo se apropria da realidade e como se relaciona com ela. Sendo assim, só é perceptível o que já esteve em contacto connosco e faz parte da nossa experiência. Percebemos algo que sabemos que existe e com ele nos relacionamos.

¹⁶ O artigo 12º da CDC prevê que Os estados partes garantirão à criança com capacidade de discernimento, o direito de expressar livremente a sua opinião sobre todas as questões que lhe dizem respeito, tendo devidamente em conta as opiniões da criança, de acordo com a sua idade e maturidade.

Concepção semelhante sobre o conceito de *percepção social* é trazida por Peter Berger e Thomas Luckmann (1996) afirmando que percepção é uma actividade psicológica e que não deve ser analisada numa única vertente, a vertente psicológica. Mas associá-la ao contexto que o indivíduo se encontra. Sendo assim, a percepção do indivíduo vai depender não só do psicológico como também das condições sócio-culturais que o rodeiam.

Esta definição mostra claramente que perceber é ter capacidade de se relacionar com algo como um mundo exterior a si, com algum sentido para eles, servindo-lhe de alguma forma na percepção da realidade e conseqüentemente na sua vida. De salientar que esse conhecimento é criado pelo próprio indivíduo no decurso da sua vida em interacção com os outros.

Ao considerar os indivíduos como tendo percepções das coisas que experimentam no quotidiano, permite-nos inferir que segundo Clemente et.al (1997) e Berger e Luckmann (1996), as crianças sendo seres sociais plenos, dotados de racionalidade e que percebem os conteúdos televisivos e os reinterpretem dentro do quadro normativo vigente na sua sociedade.

A percepção social depende de um lado da interacção entre os indivíduos e de outro indivíduo/meio social ou seja, contexto social. Todavia, as percepções sociais sobre as telenovelas podem ser contraditórias em função do contexto sócio-cultural, idade, sexo, classe social, nível económico entre outros factores condicionantes.

E a forma que estas crianças encontram para exteriorizar essas percepções é através das *práticas sociais* que são parte do conjunto da cultura de infância. Elias Orlandi (1993) considera as *práticas sociais* como elementos indissociáveis da realidade, uma vez que os indivíduos agem sobre elas, pertencendo ao domínio das relações vigentes e podendo operar tanto como meio de manutenção como de transformação das relações sociais e da realidade. Sendo assim, as *práticas sociais* têm a ver com a realidade em que os indivíduos se encontram inseridos.

Para Elain Coulon (1997) o conceito de *prática social* diz respeito à capacidade que os indivíduos têm de perpetuar no seu quotidiano, actividades para dar conta dos acontecimentos, atingindo os seus objectivos.

Tomando em consideração as duas definições trazidas por Orlandi e Coulon, as práticas sociais podem ser vistas como uma série de atitudes e comportamentos que os indivíduos (crianças) tomam no relacionamento entre eles e com os adultos. A partir destas definições, podemos compreender o fenómeno em causa.

Ainda na esteira de Coulon (1997) é necessário considerar que o indivíduo tem o potencial de recriá-las na subjectividade. Estas práticas são condicionadas e não determinadas pelas percepções e que muitas vezes, a prior à prática, há um conhecimento que dá sentido a elas e que posteriormente a realidade é compartilhada pelos demais indivíduos em sociedade.

É importante lembrar que o nosso quadro teórico privilegia a maneira como os indivíduos percebem a realidade e de que forma se aproveitam dela para estruturar as suas relações. Deste modo articulamos os conceitos de *percepção social* sobre a telenovela, *prática social* das crianças resultantes da influência da telenovela e consequente estruturação da vida quotidiana da *infância*.

CAPÍTULO- 3. METODOLOGIA

3.1. Do programa à Realidade.

Neste capítulo pretende-se apresentar as fases pelas quais tivemos de passar para realização do trabalho, principalmente aspectos relacionados com os métodos e técnicas que recorremos para a execução do mesmo.

O presente trabalho foi realizado em três momentos. O primeiro, compreendendo o período de Março a Maio de 2009, consistiu na elaboração da pesquisa exploratória e revisão de literatura. No segundo momento, de Junho à Julho de 2009 realizamos a recolha de dados (trabalho de campo) no distrito de Cuamba, província do Niassa. E por fim, o terceiro momento compreendeu a categorização e análise dos dados empíricos.

3.2. Os métodos de Pesquisa

Para a realização do trabalho recorremos a análise qualitativa, e o uso de uma *metodologia compósita*, que mobilize uma gama de diferentes métodos e técnicas, quer tradicionais quer inovadores, que permitam escutar a voz das crianças.

Segundo Elena Colonna (2008), os instrumentos de investigação privilegiados nestes casos são os representados por grupos de discussão, pequenas dramatizações e conto de histórias em torno de um determinado tema (técnicas de carácter oral), fotografias, vídeos, desenhos (técnicas de carácter visual) e registos escritos, ensaios e diários (técnicas escritas).

Sendo assim, Minayo (1999), afirma que a metodologia qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das acções e relações humanas, um lado não perceptíveis e não captáveis em equações, médias e estatísticas. Em Karl Mannheim (1980)¹⁷ uma abordagem qualitativa

¹⁷A contribuição de Karl Mannheim para pesquisa qualitativa: uma aproximação entre História Oral e o Método Documentário de interpretação. Onde se discutem as reflexões metodológicas de análise das *visões de mundo* para as ciências sociais denominado método documentário de interpretação. Esta apresenta a adaptação do método documentação para pesquisa qualitativa.

constitui *uma série de vivências ou de experiências ligadas a uma mesma estrutura, que por sua vez se constitui como base comum das experiências que perpassam a vida de múltiplos indivíduos.*

A escolha desta metodologia *qualitativa compósita* prende-se da necessidade de analisar questões relacionadas com as visões do mundo infantil no contexto das relações sociais por elas estabelecidas, ligadas às práticas do seu quotidiano.

Quanto ao método de abordagem, a realização desta monografia foi baseada no método hipotético-dedutivo pois, este método considera que a partir da constatação de um facto/problema constrói-se uma hipótese pelo processo de inferência dedutiva (a partir de uma teoria pode-se prever a ocorrência de um dado fenómeno, é o que se pretende com este trabalho.

E com relação ao método de procedimento, baseamo-nos no método etnográfico, por possibilitar a apreensão do problema em causa na sua generalidade, tendo em conta a natureza do próprio objecto. E por este método enfatizar principalmente a observação directa as práticas quotidianas de modo a descrever com mais precisão a vida das crianças e sua relação com a televisão.

Sendo assim, escolhemos um pequeno número de crianças como sujeito, por se tratar de um estudo sem grandes dimensões analíticas e, também, por razões de custos e de tempo. A nossa amostra é constituída por 16 indivíduos escolhidos intencionalmente, dos quais 8 são do sexo feminino e 8 do sexo masculino. Todas elas fazem parte de uma turma da 6ª classe composta por mais de 100 alunos.¹⁸

Por este grupo de crianças ser uma *categoria social*¹⁹ que compõe um grande número de indivíduos, procuramos homogeneizar este grupo de modo a que satisfizessem critérios como: ter

¹⁸ A maior parte das crianças da turma em análise também fizeram parte da pesquisa, mas os seus depoimentos não constam no trabalho por uma questão metodológica que diz respeito ao tempo que dispúnhamos para a pesquisa e a quantidade de informação necessária para realização do trabalho.

¹⁹ Por categoria social entende-se uma pluralidade de pessoas que são consideradas como uma unidade social pelo facto de serem efectivamente semelhantes em um ou mais aspectos, não havendo necessidades de proximidade ou contacto mútuo para dela fazer parte. (Marconi e Lakatos, 1999:154).

domínio da leitura, da escrita, ser aluno da escola em análise, e ter idade compreendida entre os 10 aos 13 anos de idade, sem restrição de sexo.²⁰

A pesquisa que aqui se desenvolve utiliza o conceito *criança* restringido a um grupo específico de idade, concretamente dos 10 aos 13 anos de idade. Porque Segundo Hodge e Tripp (1986), *por norma, até os 12 anos decorre o período de mutação cognitivo-semiótica, mas que a partir dos 9, a maioria das crianças são possuidoras de competência de compreensão próprias relativamente à maioria de programas televisivos de grande audiência.* (apud, Manuel Pinto, 2000:172).

Os indivíduos em sociedade são dotados de conhecimentos tanto do senso comum como do científico, mas que tanto um, como outro tem sempre algum significado subjectivo para os próprios indivíduos, subscrevendo as ideias da teoria interpretativa Weberiana.

No primeiro momento, foi feita uma consulta bibliográfica sobre a relação crianças-televisão, de seguida apropriamo-nos do método acima indicado para recolha de dados, por se tratar de um método adequado para estudos sobre a infância, que possibilita uma maior abertura analítica com os dados empíricos. A partir de técnicas de *redacção, diário, observação, conversas e brincadeiras* foi possível colher informações úteis para a pesquisa.

O nosso objectivo não era de quantificar esses dados empíricos, mas de os interpretar com base em realidades específicas de crianças em idade escolar, dos 10 aos 13 anos de idade, da EPC Maguiguane do distrito de Cuamba, província do Niassa.

A escolha do local de pesquisa tem a ver com a facilidade de integração, e por ser a escola, um local fora do círculo familiar, onde se podem encontrar crianças juntas num determinado período de tempo do dia. Escolhe-se este local também, pelo domínio da língua local, *Emakhua*²¹, que

²⁰ De salientar que a participação das crianças na pesquisa era livre, isto é, só participava quem quisesse e os seus encarregados de educação não levantassem quaisquer tipos de objecções.

²¹ Segundo o Censo Nacional de 2007, Emakhua é a língua mais falada em Moçambique e é comum na região norte do país, que compõe as províncias de Nampula, Cabo Delgado e Niassa.

em alguns momentos sentimos necessidade de usá-la com crianças que mostravam dificuldades de se comunicar em língua portuguesa.

O factor sexo esteve sempre presente tanto no processo de recolha de dados como também na análise dos mesmos, pois constatámos que esta componente é muito importante na análise dos dados. Por se tratar de uma análise qualitativa em que não se pretende inferir nenhum resultado, mas interpretá-los. Neste âmbito, recorreremos a técnica de redacção que tem já enraizado tradições nas investigações não só da relação crianças e televisão como em vários outros assuntos ligados à criança.

A recolha de dados aconteceu na escola, no período da tarde, concretamente das 12 às 16 horas por ser a hora em que as crianças da 6ª classe têm aulas. As redacções e as discussões de grupo foram feitas na sala de aulas e as conversas aconteceram na hora do intervalo de forma livre. Para além da escola, desenvolveram-se conversas no percurso de e para a escola e por último em casa das crianças, somente para observação das actividades extra-escolares.

3.3. As técnicas de recolha de dados.

Neste estudo usamos cinco das diversas técnicas que a metodologia compósita nos propõe, pela natureza do nosso objecto de estudo. As técnicas de recolha de dados são: *redacção*, *conversas* para permitir que as crianças se sentissem mais a vontade, fizemos uso também do *diário*, a *observação e brincadeiras*.

Pela natureza do nosso objecto de estudo, recorreremos a estas técnicas e métodos por consideramos capazes de nos fornecer o material empírico necessário e interpretá-los com base em teorias sociológicas. Tratando-se de pesquisa com crianças e espelhando-nos das técnicas e métodos usados na pesquisa com crianças nas últimas décadas, associamos várias técnicas de pesquisa que foram determinantes na recolha de dados.

Esta variedade de técnicas representa assim uma forma de investigar a pluralidade de infâncias e ter em consideração as diferentes competências, as experiências de vida e as identidades sociais

das crianças, dependendo da idade, geração, género, estrutura do grupo familiar, grupo étnico e classe social.

Estas técnicas foram importantes na nossa pesquisa pelo facto de terem permitido que trabalhássemos com maior número de crianças, visto que nem todas sentiam-se à vontade numa técnica específica podendo assim fazer parte da pesquisa de outra forma, menos constrangedora para elas. As *brincadeiras* tornaram as pesquisas muito mais divertidas e interessantes para as crianças, visto que brincar é para elas uma actividade indispensável no seu dia-a-dia. Apesar deste direito muitas vezes não ser levado em consideração para todas as crianças.

O *diário* consistiu em as crianças preencherem um formulário sobre as actividades diárias, as crianças registavam aspectos como o que faziam quando acordavam, antes de ir a escola, depois de voltar da escola até a hora de se deitar. Este preenchimento durou duas semanas e houve crianças que simplesmente não se deram ao trabalho de registar nada como se não fizessem nada durante o dia. Mas como só participava quem assim o quisesse, respeitamos a opção das crianças.

A *observação* estive a acompanhar todas as fases do estudo com a excepção do período em que as crianças preenchiam os diários em suas casas, o que pode ter influenciado para que parte deles não sentisse necessidade de preenche-los, já que o seu preenchimento era livre.

Para obter mais informação sobre a relação crianças e televisão, optámos por criar grupos de discussão constituídos por 3 a 4 crianças que discutiram sobre o que elas aprendem com as telenovelas e o que fazem com o que aprendem delas, e no final cada grupo apresentou uma *redacção* sobre o assunto.

De salientar que as brincadeiras estavam sempre presentes e conjunto com as demais técnicas, de modo a entreter as crianças motivando-as a fazer parte da pesquisa, sabendo que brincar é a actividade mais significativa que as crianças desenvolvem no seu quotidiano.

E por fim as *conversas* que se realizavam principalmente na hora do recreio e na saída das aulas. Estas conversas obedeceram um carácter *informal* por se realizarem de forma livre, na rua (na ida e volta da escola), na hora da brincadeira e algumas vezes em sala de aulas.

3.4. Constrangimentos da pesquisa e as formas de superação.

Durante a realização da pesquisa, deparamo-nos com algumas dificuldades que poderiam marcar o curso da pesquisa. A primeira dificuldade diz respeito a escassez de literatura que se debruça do quotidiano das crianças em Moçambique, principalmente em relação a estas com a TV. Por este motivo optamos por nos basear na literatura estrangeira, principalmente europeia e americana, e deste modo analisar a realidade moçambicana.

No concernente a fase da recolha de dados, durante as nossas actividades, a presença da pesquisadora influenciou no comportamento das crianças, como também as crianças influenciaram de certa forma no comportamento da pesquisadora, uma vez que a pesquisa foi realizada num local que está concebido para ensinar e aprender, em que o professor ensina e os alunos aprendem, desenvolvendo-se relações de subordinação, enquanto o professor manda os alunos obedecem.

Por estes e outros motivos, e por em algum momento termos sido confundidos com o corpo directivo da escola, na rua as crianças dirigiam-se a pesquisadora como tal, o que de certa forma constrangia e mudava o comportamento da mesma. Estes comportamentos resultam da expectativa que a sociedade no geral tem do comportamento de um professor, e este deve comportar-se como tal.

De salientar que durante a recolha de dados, muitas foram as vezes em que as crianças sentiram-se intimidadas com a presença da pesquisadora em sala de aulas, e para ultrapassar este obstáculo optámos por, durante as actividades em que não era necessária a nossa presença delegar a chefe de turma para monitorar as actividades e a pesquisadora se retirava da sala.

Tivemos também obstáculos na escolha da turma com a qual trabalharíamos, pois no nosso projecto estava previsto que trabalhássemos com crianças da 5ª classe, tendo como referência um estudo exploratório feito com crianças da escola primária da Coop de Maputo que permitiu-nos chegar a conclusão de que crianças da 5ª classe já sabem ler e escrever, condição necessária para fazer parte da pesquisa.

Mas na escola em causa as crianças desta classe não reuniam alguns critérios que para nós eram imprescindíveis para realização do estudo, elas não sabiam ler nem escrever. Sendo assim optamos por uma turma da 6ª classe que já tinham domínio destas componentes de escrita e leitura, automaticamente mudou também a faixa etária com a qual iríamos trabalhar a prior.

Outro obstáculo diz respeito ao período de recolha de dados. A mesma realizou-se num período em que as crianças terminavam a realização das avaliações escolares, o que fez com que se pensasse que aquela fosse também uma forma de avaliá-los. Mas depois de devidamente esclarecidos os objectivos do estudo e para que fins se destinavam, notou-se uma certa melhoria nos seus comportamentos.

A sala de aulas como um dos local onde se realizavam as conversas e redacções, contribuiu para que as crianças se sentissem na obrigação de responder as questões porque para elas, a pesquisadora era uma professora, e cabia a professora ensinar e os alunos aprenderem. Esta situação mudou quando mudamos de sala de aulas, para um jardim-de-infância (JI) distante do contexto escolar, onde as crianças sentiam-se mais à vontade para dizer o que pensam.

Os professores também tinham espaço para participar da pesquisa, e a participação destes foi livre na medida em que apenas o professor de português e o de artes e ofícios juntaram-se a nós e participaram da pesquisa, moderando em algumas vezes, a interacção investigadora-alunos em sala de aulas. Os membros da família que estivessem em casa no momento em que se faziam as observações também contribuíram para que tudo corresse em perfeitas condições.

CAPÍTULO – 4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1. Principais Conclusões da pesquisa

Os resultados da pesquisa empírica permitem-nos chegar a algumas conclusões preliminares, das quais, a infância é uma construção social e a televisão é um agente de socialização das crianças que age junto da família e de outras instituições sociais. Apesar da crescente presença das TICs, as brincadeiras tradicionais ainda fazem parte do seu dia-a-dia.

As crianças são sujeitos activos no seu quotidiano, com capacidade criativa de interpretar o seu mundo vida. Como resultado desta capacidade criativa, desenvolvem práticas sociais específicas do seu mundo, fazendo deste modo escolhas no seu quotidiano. Desta forma, a maneira como a TV influencia nos indivíduos varia de contexto para contexto.

Todavia, consideramos relevante apresentar em que medida as telenovelas contribuem para a manutenção das preferências de amizades entre crianças, os seus comentários, conversas entre outras práticas quotidianas.

Para sustentar as informações colhidas na pesquisa empírica, optamos por apresentar alguns extractos dos dizeres das crianças ao longo das conversas, assim como também dos comentários e brincadeiras do dia-a-dia relativos ao que vêem e ouvem na telenovela, que é o nosso foco de interesse.

Tendo sempre em conta os nossos objectivos e a hipótese orientadora do estudo, a apresentação e análise dos dados foi feita de acordo com os objectivos traçados, para melhor alcance dos mesmos e testagem da hipótese. Assim, tanto a captação, agrupamento e discussão dos dados foram feitas em torno dos seguintes eixos:

A infância no plural: As crianças, sujeitos activos do seu quotidiano; O quotidiano das crianças; O lugar das brincadeiras tradicionais na infância; A televisão como escola paralela; A Família como espaço privilegiado de interacção social; Uma televisão amiga que faz outras amizades.

4.2. A Infância no plural: As Crianças, sujeitos activos do seu quotidiano

Antes da discussão dos resultados, é importante fazer menção ao aspecto da pluralidade e heterogeneidade da infância que a revisão da literatura nos permite apresentar, na medida em que se pode perguntar em que medida é que pode-se considerar as crianças, actores criativos e competentes, se uma das características da infância é precisamente a sua aprendizagem na vida social e a sua incompetência?²²

Tal como afirma Bob Franklin (1995:7)

õA infância não é uma experiência universal de qualquer duração fixa, mas é diferentemente construída, exprimindo as diferenças individuais relativas à inserção de género, classe, etnia e história. Distintas culturas, bem como as histórias individuais, constroem diferentes mundos da infância.ö (Sarmiento: 1997:7).

Os dados que analisámos permitem-nos compreender os quotidianos da sociedade na voz das crianças, que é uma perspectiva pouco usada em Moçambique, razão pela qual esta análise é de capital importância para a Sociologia e para as Ciências Sociais no geral.

Se concordamos que nenhum agente social é completamente autónomo na sua acção, muito menos serão as crianças, não só pela idade, mas também pela diversidade de posições no sistema social. Vejamos que as crianças de Cuamba têm consciência do carácter fictício das cenas de televisão, deste modo, tem sempre algum comentário e posicionamento em relação a cada cena que se lhes apresenta, e de o que estas cenas representam para a sua vida.

²² Cabe a nós como investigadores responder a estas e outras questões que a ciência levanta ao longo das pesquisas. A literatura consultada permite-nos dizer que a infância não é um dado natural e universal e que existem outros termos de referência para abordagem dessa realidade social que não apenas os definidos pelos adultos e que as influências e aprendizagens não se verificam em sentido único (dos adultos para as crianças). Num estudo de natureza exploratória como este assume ser, pareceu-nos necessário um esforço interpretativo, posicionando a partir do discurso individual sobre o vivido, como via complementar de aprofundamento e de alargamento de análise sobre o lugar da televisão no quotidiano infantil.

Manuel Pinto (2000) realça o facto de as crianças em idade escolar revelarem já uma assinalável capacidade de exprimir opiniões acerca do seu dia-a-dia, as situações em que se encontram envolvidas, da sua experiência do relacionamento com a televisão e da significação de que esta se reveste nas suas vidas. Os estudos empíricos que realizamos põem em evidência a peculiaridade das crianças do contexto em estudo.²³

O presente estudo permite-nos falar de infâncias e não de uma infância de forma homogénea, abordagem que prevalece em estudos psicológicos, isto porque cada criança é diferente da outra e tem um estilo de vida específico da sua família, da sua comunidade e grupo de pares. Elas vivenciam experiências próprias do meio social a que pertencem.

A razão que nos leva a chegar a esta conclusão preliminar, tem a ver com a diversidade de experiências vividas pelas crianças no seu dia-a-dia, com assinaláveis diferenças, decorrentes dos papéis sexuais, bem como do nível socioeconómico e cultural das mesmas.

Ademais, em condições ditas normais, aos oito, nove anos, as crianças adquirem já uma assinalável bagagem de competências no plano linguístico e social que faz delas membros activos e intervenientes nos respectivos grupos sociais de pertença.

A frequência da escola também constitui, nesta idade, um importante factor de estruturação das rotinas com que se tece a vida quotidiana e um não menos importante espaço de interacção entre pares, seja ao nível das relações na sala de aula, seja nas actividades extra curriculares, nas brincadeiras organizadas em comum, nos percursos de (e para) a escola, etc. Como sublinhamos ao longo do trabalho, a escola é também um espaço de socialização, de formação de identidades, de inclusão de uns e exclusão de outros.

²³ Diferentemente por exemplo das crianças que fizeram parte de um outro estudo realizado com crianças da Escola Primária da Coop, da cidade de Maputo, que ao longo do trabalho fizemos referência.

4.3. O quotidiano das crianças.

Durante as conversas sobre o quotidiano das crianças, desde a hora que acordam até a hora que se vão deitar, identificamos várias actividades que elas desenvolvem durante o dia. As crianças mencionavam actividades como (ver televisão, brincar, estudar, fazer trabalhos domésticos, entre outros).

As crianças afirmam ver televisão pelo menos uma vez por dia, algumas delas afirmando que a *televisão é um amigo sem o qual não conseguiriam viver*, apesar de existirem crianças que não acompanham a telenovela por não ter este artefacto em casa, é o caso de duas crianças que fazem parte da nossa amostra, falamos de (William e Lucas) pois, elas passam a maior parte do seu tempo livre brincando com os amigos, as chamadas brincadeiras tradicionais, tais como: saltar a corda, jogar berlindes, jogar a bola entre outras práticas.

Vejamos os depoimentos dos entrevistados que vivem com as suas avós e que não têm televisor em casa:

Eu não assisto televisão porque na minha casa não tem. (William, 12 anos).

Na minha casa não assistimos televisor. (Lucas, 10 anos).

Num universo de 16 crianças, 14 delas afirmam ter em casa uma televisão e assistir pelo menos uma telenovela. Os extractos a seguir elucidam esta questão:

Quando eu acordo, varo o quintal, vou comprar pão, depois faço TPC e às 11 horas vou à escola e só a volta é que brinco com minhas amigas e às 18 horas assisto Malhação. (Felizarda, 11 anos).²⁴

Desde de manhã até à noite só vejo televisão quando está dar novela das 18h. (Zaina, 10 anos).

Todos os dias jogo pileca, jogo bola com meus amigos e assisto televisão a noite. (Justino, 12 anos).

²⁴ Todos os nomes são fictícios.

Não posso me imaginar um dia sem assistir televisão. (Valdete, 12 anos).

Não ter televisor em casa é mesma coisa uma criança que não conhece presidente da república. (Rosita, 10 anos).

Tendo em mente que o nosso universo de análise é composto por 16 crianças, das quais 8 são raparigas e 8 são rapazes, apresentamos o quadro elucidativo das actividades mais frequentes nos quotidianos, tanto dos rapazes como das raparigas, incluindo as crianças que não tem TV em casa.

No cômputo geral, as informações retiradas dos diários das crianças permitem-nos alistar as actividades da seguinte maneira:

Tabela 1: Actividades diárias sexualmente distribuídas.

	RAPAZES	RAPARIGAS
1º	Varrer o pátio	Lavar a loiça
2º	Comprar pão	Fazer mata-bicho
3º	Estudar	Estudar
4º	Brincar	Brincar
5º	Ver televisão	Ver televisão

Fonte: *Diários das crianças.*

Os factores sexo e idade, estiveram sempre presentes na recolha e análise dos dados, porque na nossa óptica constituem um dos principais factores de diferenciação de análise e que influencia de forma considerável a nossa linha de abordagem.

Verificamos que, por exemplo, a sequência das actividades quotidianas das crianças envolvidas no estudo em causa varia segundo o sexo. Enquanto os rapazes varrem o pátio como sua primeira actividade diária, as raparigas lavam os pratos. Vejamos que esta distribuição é tendenciosa e não vem por acaso, na medida em que se nota que as actividades realizadas pelos rapazes são as

consideradas actividades por excelência masculinas, que poucas vezes são realizadas pelas raparigas e vice-versa.²⁵.

Digno de realce é a posição que a televisão ocupa na sequência das actividades quotidianas das crianças, a 5ª e última posição. Este aspecto será devidamente explorado, com pormenores nas próximas páginas. A ausência da televisão no discurso imediato das crianças é para nós um elemento importante na análise dos dados, pois esta actividade está tão naturalizada no seu quotidiano que não é digna de realce por parte das crianças. Na percepção destas, a televisão não merece destaque, apesar do lugar que ocupa nas suas vidas.

Compreende-se também que os grupos de amigos que se formam durante as aulas e durante as brincadeiras são sexualmente distribuídos, em momento nenhum, durante as brincadeiras, os rapazes e as raparigas juntam-se para brincar.

Vejamos mais pormenorizadamente algumas dessas variáveis de análise:

- a. *Idade* ó Sabe-se que as crianças começam a ver televisão cada vez mais cedo, e com dois anos são normalmente capazes de ligar e desligar o receptor. Autores como (Dietz e Strasburg, 1991) sustentam que o consumo vai crescendo até a entrada da criança na escola, altura em que baixaria ligeiramente, mantendo-se, no entanto, relativamente elevado. (*apud*, Manuel Pinto 2000).

Pinto afirma ainda que, autores como (Rosengren e Wildahl, 1989) sustentam que a curva cresce regularmente, atingindo o pico aos 11-12 anos. Todos salientam porém, que a partir da entrada à adolescência, com a crescente autonomização face aos pais, o consumo baixa substancialmente. Em todo o caso, e contrariamente à crença comum, os segmentos etários mais jovens não serão, regra geral, os maiores consumidores de televisão: cabe aos segmentos adultos e, especialmente aos mais idosos.

- b. *Sexo* ó os resultados de pesquisas estão longe de ser concludentes neste ponto, havendo autores como Manuel Pinto (2000) que afirma existir um consumo maior por parte do sexo

²⁵ Veja a tabela 1, que retrata as actividades diárias sexualmente distribuídas.

feminino, outros que afirmam o inverso, mas o caso em estudo regista variações significativas entre os dois sexos.

As razões que justificam a prioridade de actividades praticadas pelas crianças são naturalmente influenciadas pelo contexto social em que elas estão inseridas e pelo tipo de família a que pertencem.

Ainda no concernente ao item televisão no quotidiano das crianças, apesar de existirem crianças da nossa amostra que afirmam que não conseguiriam viver sem a televisão, nenhuma delas deixa de lado as brincadeiras tradicionais que caracterizam parte considerável do seu quotidiano, como mostram os depoimentos que se seguem:

Mesmo com a televisão em casa eu não deixo de brincar outras coisas com meus amigos. (Baltazar, 11 anos).

Eu assisto televisão todos os dias mas também gosto de jogar pileca. (Limeque, 11 anos).

Eu só assisto televisão quando minhas amigas não estão comigo para brincar de outras coisas. (Rosita, 10 anos).

Para mim, as brincadeiras com meus amigos animam mais que assistir televisão, por isso eu prefiro jogar pileca e jogar bola do que assistir. (Latomber, 13 anos).²⁶

As crianças conversam e ou comentam sobre as telenovelas entre amigos nos seus tempos livres, isto é, quando não estão na sala de aulas, nem ajudando nos trabalhos domésticos em suas casas e os assuntos que mais dominam relacionam-se com a identificação destes com os personagens assim como também porque fazem algo que os agrada de alguma forma. De salientar que estas identidades são diferentemente formadas em função do sexo de cada crianças, o que quer dizer que as raparigas tendem a identificar-se com as personagens de sexo feminino e os rapazes com os de sexo masculino.

²⁶ Os extractos procuram trazer as palavras das crianças assim como elas nos transmitiram, de modo a manter a originalidade das mesmas.

Vejam os alguns extractos que confirmam estas tendências carregadas de algum sentimento, como se se tratasse de indivíduos que compartilham de forma presente os mesmos espaços e conhecem-se pessoalmente, como se estivessem a falar de seus amigos.

Gosto de ver Claiton²⁷ porque é negro como eu. (Bilaia, 10 anos).

Eu gosto de ver Kaua porque ele é o melhor esquetista do clube e não provoca ninguém. (Baltazar, 11 anos).

Eu gosto de ver irmão de Kaua porque ele tem cabelos encaracolados. (Latomber, 13 anos).

Gosto de ver muitas coisas, mais mais ver Amanda porque é boa pessoa por isso eu gosto dela. (Rosita, 10 anos).

Gosto mais de ver Cabeção porque ele faz rir as pessoas, faz muitas patéticas. (Limeque, 11 anos).

Eu não gosto de pessoas ambiciosas que mentem para outros que roubaram enquanto não roubaram. (Deny, 12 anos).

Quando fazem coisas para ajudar os amigos eu gosto, porque eu também faço. (Faustino, 10 anos).

Gosto de ouvir conversas de amor. (Sara, 12 anos).

Gosto de ver as pessoas a se beijarem. (Yara, 13 anos).

Se observarmos com atenção, podemos verificar também que algumas crianças fazem escolhas em função da raça do personagem, é o caso do primeiro depoimento da menina Bilaia.

Vejam os que estes depoimentos demonstram a constante presença da televisão no quotidiano das crianças e a relação íntima que estas estabelecem com os personagens.

²⁷ Os nomes que aparecem no meio do texto, são de personagens da telenovela com as quais as crianças se identificam.

4.3. Práticas Televisivas na Infância: Conversas, Comentários e Brincadeiras.

Segundo Manuel Pinto (2000), o mais importante não é considerar o significado de uma mensagem em si, nem o que o emissor pretende transmitir, mas como o público percebe e aquilo que faz dela. É a partir desta ideia que o paradigma interpretativo da realidade se fundamenta.

Constatámos que as crianças da nossa amostra e que acompanham a telenovela *Malhação*, constroem a realidade da *Malhação* e a reproduzem nas suas práticas quotidianas. Elas reconstroem o quotidiano *Malhação* através da interacção com os outros nos diferentes espaços, de entre os quais destacamos: o intervalo da escola, a caminho de e para casa e durante as brincadeiras em casa. É nesta relação que as crianças integram ou não no grupo as outras crianças que não tiveram a mesma oportunidade.

Neste processo de contar, uns aos outros, as crianças partilham saberes e dão a sua opinião sobre cada um dos acontecimentos contados, e é neste contar que estas crianças demonstram o seu poder de discernimento entre o bom e o mau em função do que aprendeu como sendo positivo e negativo, esta aprendizagem pode ter sido transmitida tanto pela família como por outras instituições sociais a que as crianças pertencem, por exemplo:

Ontem na novela malta João se beijaram, viste? Eu não gostei. (Yara, 13 anos).

Aqueles ali roubaram esqueite de Kaua pra ele não competir. Não é bom o que eles fizeram. (Deny, 12 anos).

Hoje não perderes novela, Priscila vão lhe desmascarar. (Bilaia, 10 anos).

Leticia até trair a prima, ih ela não podia fazer aquilo. (Sara, 12 anos).

Se eu fosse João não ia perdoar Marcão. (Baltazar, 11 anos).

Viste onde acabou novela ontem? Ih! Parecia não acabar. (Valdete, 12 anos).

É a partir destas aprendizagens televisivas que as crianças criam o seu mundo de faz-de-conta, inventando brincadeiras ou até mesmo reestruturando as que já existiam. Vejamos que, por exemplo, as meninas ao brincarem entre si fazem-se passar por personagens que mais gostam, imitando o que eles fazem de forma criativa e não tal e qual viram.

Ao opinar sobre estas acções, entendemos que as crianças percebem o carácter ficcional das imagens transmitidas pela telenovela, elas sabem que apesar de aqueles acontecimentos ocorrerem no dia-a-dia, aquela situação específica não é real, mas uma criação de alguém que elas não sabem quem.

Estas aprendizagens, servem para perceber melhor a herança cultural transmitida pelos adultos ou produzidas por elas. Porém, durante a transmissão da telenovela, as crianças identificam comportamentos que na sua percepção são condenáveis e os que consideram positivos, e a sua maneira de perceber não difere muito da percepção dos adultos, na medida em que o que para elas é errado é o que qualquer indivíduo de bom senso consideraria errado.²⁸

As crianças integram uma categoria social, a infância, mas constroem processos de subjectivação no quadro da construção simbólica dos seus mundos de vida, estabelecendo com os adultos interacções que as levam a reproduzir as culturas sociais e a recriá-las nas interacções de pares, é a capacidade de interpretação que as crianças têm.

As crianças geralmente têm uma maneira de se expressar e de se comportar, típico da sua condição de crianças que muitas vezes os adultos não as compreendem. É essa especificidade que torna os seus comentários, conversas e brincadeiras típicas do seu mundo que não podem ser comparadas nem analisada com qualquer uma outra, mas a partir de si próprias.

4.4. O Lugar das Brincadeiras Tradicionais na Infância

Sabe-se que as práticas televisivas infantis são sempre contextuais, pelo facto de variarem de sociedade para sociedade, em função do uso que se faz do aparelho televisivo. Em contextos rurais como o distrito em análise, muitas vezes as crianças acompanham os programas televisivos e principalmente a telenovela, mas contudo não deixam de lado a prática das brincadeiras tradicionais. Este facto deve-se ao facto de *Brincar ser a actividade mais*

²⁸ Veja o depoimento da Sara de 12 anos em que discorda com algumas atitudes de personagens da telenovela.

significativa para as crianças, neste sentido, é uma das características da infância como categoria social geracional. (Corsaro, 2002: 115).

Entre as crianças que fizeram parte do nosso estudo, todas elas gostam de brincar, e qual criança não gosta de brincar? As brincadeiras mais frequentes no grupo de amigos são as chamadas brincadeiras tradicionais.

Naturalmente, tratando-se de crianças de ambos sexos, as brincadeiras variam conforme o sexo. As raparigas brincam de uma coisa e os rapazes de outra bem diferente. Apesar de em alguns momentos as brincadeiras serem comuns entre eles. A categorização que se segue é resultante da observação que caracterizou todos os momentos a nossa pesquisa.

Tabela 2. As brincadeiras do dia-a-dia das crianças

Brincadeiras Frequentes entre as Meninas	Brincadeiras Comuns as Crianças.	Brincadeiras Frequentes entre os Rapazes:
<i>Saltar a corda</i>	<i>Cantar</i>	<i>Jogar futebol</i>
<i>Jogar pedrinhas (muchua)</i> <i>Brincar de dançar</i>	<i>Jogar saca</i>	<i>Jogar berlindes (pileca)</i> <i>Jogar policia-ladrão</i>

Fonte: *Observação na escola e nas residências das crianças.*

Dos dados que obtivemos no campo verificamos que a televisão é parte integrante da vida das crianças que constituem a nossa amostra, apesar da não valorização deste, comparativamente a outros contextos sociais, como a cidade de Maputo, em que o estudo exploratório por nós realizado permitiu-nos identificar comportamentos relacionados com a televisão e as crianças deste contexto fazem menção a estas práticas no decorrer das nossas conversas. Porém, a ideia de que a criança vivendo em zonas rurais tem menos noção da importância da televisão que convive com ela é aqui confirmada, se recorrermos ao exemplo do distrito de Cuamba. Para as crianças

do distrito de Cuamba, apesar da presença da televisão nas suas vidas, é mais significativo e real estar em contacto directo com as pessoas que brincam, conversam que vê-las por detrás das câmaras e nem se quer as conhecer pessoalmente e poder toca-las.

4.5. A Televisão como Escola Paralela

Nos dias que correm, a televisão tem exercido funções que sempre foram exercidas pelas famílias e ou pela escola e outras instituições sociais. Essas funções dizem respeito fundamentalmente à educação primária das crianças, a chamada socialização primária. O momento em que estas instituições agem de forma complementar, por vezes estabelecendo relações conflituosas umas com as outras na transmissão de valores, regras e normas que influenciam no comportamento dos indivíduos.

É geralmente nas escolas que são transmitidos valores, normas, atitudes e comportamentos, aos quais a família é sensível. De facto a televisão é o agente social de transmissão mais directo, onde as crianças interiorizam e fazem as suas escolhas pessoais, os seus juízos e decidem muito sobre aquilo que a família hoje não é capaz de lhes dar, pela dinâmica de vida que não permite a interacção face a face por muito tempo. Os espaços e tempos que aqueles passam na família são reduzidos.

Manuel Pinto (2000) afirma que a relação entre a televisão e a educação em geral, e educação escolar em especial pode ser equacionada em sentidos bastante diversos de que se salientam três orientações: a dimensão educativa da televisão, educação para a compreensão e uso crítico e a abordagem das questões educativas pela televisão.

A telenovela em estudo tem esta particularidade na medida em que fornece materiais educativos formais. Na telenovela *Malhação*, as histórias contadas estão sempre relacionadas com o contexto estudantil dos personagens.²⁹ Nesta ordem de ideias, a perspectiva que nos importa

²⁹ Outros exemplos que ilustram de forma clara esta funcionalidade educativa da Televisão de Moçambique, é o programa telescola, documentários educativos que para aqui não são chamados.

evidenciar, no presente trabalho, é a da compreensão e leitura crítica da TV relativamente aos mais novos, retomando a ideia segundo a qual a TV das crianças é aquela que elas efectivamente vêem e não necessariamente a que lhes é dirigida ou destinada pelos emissores.

Segundo o que podemos retirar das conversas realizadas, há uma tendência de as crianças no geral afirmarem que a televisão no geral e a telenovela em particular incentiva-as a estudar mais e ajuda-as no aperfeiçoamento da língua portuguesa, isto é, as crianças aprendem com a televisão, como mostramos nos extractos a seguir, do mesmo modo que aprendem expressões que servem de inclusão dos membros de um determinado grupo e exclusão de outros, este último item iremos desenvolver mais adiante.

Quando assisto televisão aprendo a falar bem português. (Yara, 13 anos).

A televisão nos ensina muita coisa boa. (Valdete, 12 anos).

Quando alguém na novela apanha negativa na escola estão a nos ensinar que não devemos ser como aquele que apanhou negativa para nós também não apanharmos. (Zaina, 10 anos).

Algumas coisas que mostram na novela são realidades, então temos de aprender coisas positivas para nós e para nossa família. (Limeque, 11 anos).

A novela nos ensina que é bom ter amigos. (Justino, 12 anos).

Eu aprendi na novela a dizer alô galera e quando encontro meus amigos lhes cumprimento assim também. (Deny, 12 anos).

Na novela eu aprendo a falar bem português e falar outras línguas que não sei. (Bilaia, 10 anos).

Nós podemos ver como são as pessoas lá do Brasil através da novela. (Baltazar, 11 anos).

Sabemos que o que acontece aqui também acontece noutros países. (Latomner, 13 anos).

Ao aprenderem com a televisão, as crianças complementam os conhecimentos adquiridos tanto na escola como em casa. A tabela a seguir apresenta todas as informações das crianças com relação as suas aprendizagens televisivas. Para tal, enumeramos da mais indicada a menos indicada, de modo a percebermos o que frequentemente têm aprendido das telenovelas.

Tabela 3. **Aprendizagens televisivas.**

O que se Aprende com a Telenovela.	Número de Escolhas
Conhecimentos úteis para a vida quotidiana.	14
Informação sobre o que se passa no mundo.	14
Preservação do meio ambiente.	10
Expressão dramática musical (cantar, dançar).	5
Expressão oral e aprendizagens de línguas estrangeiras.	4
Aprendizagens relacionadas com matérias escolares.	8

Fonte: *Conversas feitas na escola.*

De todas as categorias criadas, a aprendizagem de expressão oral e de línguas estrangeiras foi a menos citada pelas crianças. Em contra partida, a aprendizagem dos conhecimentos úteis para a vida quotidiana e a informação sobre o que se passa no mundo foram as mais citadas, isto para mostrar que nem só na escola se aprende, apesar de este conhecimento servir de uma plataforma para melhor compreensão na escola.

Esta referência à escola e à educação, dá-nos a oportunidade de referir que a grande maioria da nossa amostra considera que aprende alguma coisa com a televisão, fazendo referência às informações do mundo actual, do passado e do futuro e de outras aprendizagens patentes na tabela acima.

Vimos que a natureza das aprendizagens referidas, relaciona-se com tipos de saberes que correspondem a sua condição de aluno. De certa forma, é provável que o contexto escolar e principalmente da sala de aulas tenham pesado nas respostas dadas.

Do reconhecimento da relevância da escola não decorre qualquer tipo de subestimação da importância do espaço familiar, que continua a ser verdadeiramente crucial e a condicionar de algum modo, os estilos de vida, os recursos materiais e simbólicos. Mas simplesmente nesta fase, a criança começa a dar os seus primeiros passos sozinha, condicionada pelo espaço e o tempo.

4.6. A Família como espaço privilegiado de interação social

Os relatos dos 16 casos analisados, mostram como são desiguais as oportunidades na ocupação dos seus tempos. Enquanto uns ocupam-se com trabalhos de casa, outros brincam.

Tivemos a ocasião de observar que o terreno das actividades infantis é caracterizado por actividades domésticas principalmente no período da manhã. Sendo assim, queremos concordar com Marcy Guddemi (1992) citado por Manuel Pinto (2000) quando formula a questão segundo a qual *em que medida as crianças têm tempo e espaço para serem crianças?* Este questionamento é válido não apenas para as crianças que se ocupam das actividades domésticas inadequadas às idades, mas igualmente para as que sofrem de abandono, de ausência de acompanhamento e de supervisão.

Sara Pereira (1998), no seu estudo sobre *A Televisão na Família: Processos de Mediação com Crianças em Idade Pré-escolar*, afirma que da perspectiva das crianças, o papel da família, ou mais apropriadamente, dos pais, é muito importante na medida em que é no processo de socialização das crianças que as famílias determinam não só o tempo de consumo pelas crianças, mas os tipos de programas, e a qualidade da experiência televisiva.

A sua função e significação, não se circunscrevem apenas como sistema de apoio instrumental (económico, etc.), mas também como protetora contra o desamparo e a insegurança, como contexto de afetividade e aprendizagem. É a família que maior influência exerce no desenvolvimento das crianças, sobretudo nas primeiras idades.

A autora acrescenta ainda que só em casos de abandono ou uma situação extrema de privação pode invalidar parte desta influência, e mesmo assim continuará a ser um quadro de referência,

ainda que negativa, na vida das crianças. O papel da família não pode suplantar nenhuma instituição, apenas complementá-lo, é o caso dos meios de comunicação de massa, a escola, a religião, o círculo de amizades, entre outras instituições.

A afirmação acima subscreve a ideia de Maria Dias (s/d) quando levanta o debate sobre a família e a modernidade, na medida em que considera que a crescente invasão de outras instituições na socialização das crianças, a família continua sendo a principal transmissora de valores. Pode com essa invasão de várias instituições mudar a estrutura, mas não muda a sua funcionalidade.

Os pais são os principais responsáveis por transmitir às crianças aquilo que é aceitável e desejável, tanto a nível familiar como social. Cada família possui um sistema de valores, normas, crenças e conhecimentos, de acordo com os quais tende a desenvolver atitudes que refletem e reforçam esses valores. Assim, normas familiares regulam a conduta e oferecem às crianças pautas de comportamento e de ação ao mesmo tempo que permitem aos pais uma orientação para o desenvolvimento dos valores e atitudes.

A família é o contexto imediato em que a criança começa a comunicar sentimentos, ideias, necessidades e afectos, e começa a elaborar as suas percepções e ações com base nos contactos que estabelece com o meio, e é por a televisão fazer parte deste meio que não podemos analisá-los de forma separada. As relações familiares constituem o contexto básico da interação que, como processo está submetida a vários fatores e influências, a determinados condicionantes naturais e sociais do meio. (Pereira, 1998: 40).

Como resultado da nossa observação podemos afirmar que em todos os casos observados ao longo da pesquisa, a televisão é sempre vista no seio familiar, na companhia dos pais ou membros da família que não necessariamente são pais assim como também sozinhos. Quando perguntamos onde e com quem vêem a televisão, a novela em particular, todas crianças diziam ver a televisão em casa, divergindo em grande medida o grau de parentesco dos indivíduos que os acompanhavam a ver a televisão.

Na relação Crianças e TV acredita-se que os factores mais analisados são o nível socioeconómico e cultural das famílias a que as crianças pertencem. Acredita-se que o factor

socioeconómico é um factor de diferenciação entre os indivíduos, e com as crianças não é diferente. Mas o nosso interesse era que as crianças da amostra tivessem acesso a pelo menos um aparelho televisivo, o que os deixava de certa forma capacitados para fazer parte da pesquisa.

A relação que se estabelece entre a televisão e a família no geral chega a ser de certa forma naturalizada pelos membros da mesma, ao ponto de até na hora da refeição a televisão estar ligada e quando se lhes pergunta por exemplo o que tem feito durante o dia, na resposta imediata não é mencionado o ver televisão como sendo uma prática que mereça destaque, por este carácter naturalístico que lhe é atribuído.

A nossa análise baseia-se no trabalho publicado em 1983, por François Mariet. Para nós, o factor sociocultural é o mais significativo na nossa análise, este autor resume conclusões de um estudo seu, afirmando que: *De forma algo esquemática, pode dizer-se que enquanto os filhos de operários vêem televisão que é uma verdadeira baby-sister dos pobres, as crianças mais privilegiadas fazem desporto, aprendem música, preparam as aulas para o dia seguinte, lêem ou vão dar um passeio.* Conclusões que este e outros estudos da actualidade vem contrapor, argumentando que a consideração do nível económico em si não é a base face à relação crianças-televisão. (Sara Pereira, 1998:154).

O nível socioeconómico das crianças não pode ser considerado deplorável, a maioria delas provem de famílias com um nível de vida aceitável, que podem satisfazer às necessidades elementares dos seus membros, com excepção de duas crianças (William e Lucas) que vivem com seus avós, que não têm condições para proporcionar o melhor para os seus netos. Apesar de um dia terem tido, mas nem por isso não tenham sido levadas em consideração os seus depoimentos, pois nos foram úteis na medida em que serviram de grupo de controlo da pesquisa.

Um dado não menos importante a fazer referência é onde e como estas famílias vivem. Nos primeiros tempos da televisão, a aquisição de receptores foi mais forte nos meios urbanos, sendo natural observar-se aí, índices de consumo mais elevado. Com a generalização da TV, as diferenças entre o urbano e o rural ter-se-ão diluído um pouco.

Isto para dizer que a situação socioeconómica das crianças é um factor de diferenciação das suas infâncias, por isso o seu pluralismo e heterogeneidade. Ao assumirmos esta diferenciação, queremos também deixar claro que a maneira de agir, pensar e sentir das crianças também pode ser diferente dentro de um mesmo contexto social. O estudo permite-nos afirmar que a existência de alternativas atraentes de ocupação do tempo é considerada um factor relevante de consumo da televisão.

Ademais, a compreensão da utilização social da TV pode ser desligada de um quadro cultural mais vasto de relações assimétricas entre os sistemas organizados de produção simbólica e os actores sociais, no âmbito do qual estes desenvolvem modos e artes de fazer, de estar e de agir nem sempre coincidentes com a racionalidade dominante.

4.7. Uma televisão amiga que faz outras amizades.

Pretende-se explorar as lógicas de construção social das identidades de género, a partir da observação da influência dos principais agentes de socialização, família, televisão e escola, analisando simultaneamente de que forma os grupos de pares, inseridos frequentemente no contexto escolar, contribuem também para a negociação das identidades e papéis de género.

Reconhece-se pois o carácter eminentemente relacional do conceito de identidade social (Madureira Pinto, 1991), produzida através de dois processos: o processo de *identificação*, onde se salienta a integração dos actores em grupos de pertença ou referência e o processo de *identização*, centrado na autonomização dos sujeitos. Neste estudo, as identidades (pessoais e sociais) de género das crianças pré-adolescentes são analisadas a partir da observação das suas práticas, uma vez que se assume que é através das interações com outros significantes que produzem as suas identidades de género.

Muitas vezes nas brincadeiras entre crianças, estas formam grupos devidamente identificados e que geralmente são grupos mono sexuais. Enquanto as raparigas brincam entre si, os rapazes também. Estas uniões são em alguns casos resultantes de preferências televisivas infantis. Nestes e noutros aspectos aqui afluídos, mais uma vez é notório o factor sexo na diferenciação de

ideias. De salientar que quando a conversa era com as meninas, elas sempre começavam com expressões do tipo *õa minha amigaõ e nunca õmeu amigoõ*, para os meninos também.

Depoimentos agrupados das meninas:

Minha amiga deve assistir a mesma novela que eu para nos entendermos. (Zaina, 10 anos).

Se ela não assiste Malhação vamos conversar sobre coisas da escola. (Valdete, 12 anos).

Não tenho nenhuma amiga que não assiste Malhação. (Rosita, 10 anos).

Valdinha é mais minha amiga porque assiste Malhação também como eu. (Yara, 13 anos).

Depoimentos agrupados dos rapazes:

Nós brincamos todos juntos mesmo se um não assistiu novela, porque temos muitas brincadeiras não é só falar de novela. (Faustino, 10 anos).

Para mim, meu amigo pode não assistir novela eu vou brincar com ele. (Justo, 12 anos).

Eu só assisto novela porque a hora que dão meus amigos já foram em casa deles. (Limeque, 11 anos).

Entre jogar bola e assistir novela, nós preferimos jogar bola mesmo quando estão a dar novela. (Latomber, 13 anos).

As crianças ao se identificarem umas com as outras geram o processo de *identificação*, onde elas integram as outras crianças em função dos materiais simbólicos que elas têm acesso por meio da televisão, amigos e família. E quando estas não têm acesso a estes conteúdos, as crianças estabelecem fronteiras mais ou menos rígidas que se distanciam das outras, a este processo, Madureira Pinto (1991) denomina processo de *identização*. É pelo facto de um indivíduo pertencer a um determinado grupo, que leva a que se identifiquem com ele e automaticamente diferenciarem-se dos outros grupos existentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

No trabalho, pretendemos compreender e analisar as percepções e práticas sociais de um grupo de crianças do distrito de Cuamba, sobre a apropriação e interpretação dos conteúdos televisivos e do uso que deles fazem no seu quotidiano.

Este trabalho é resultado da necessidade da compreensão da acção das crianças como actores sociais plenos, criativos e interpretativos no seu dia-a-dia. Para tal, analisamos os comportamentos sociais das crianças quanto ao uso da televisão. Partimos do pressuposto de que a realidade é uma construção social dos indivíduos, e a nossa função foi não só identificar como também analisar e interpretar como estas crianças atribuem sentido as suas percepções e práticas quotidianas.

A ideia central deste trabalho, foi verificar por meio de análise de conteúdo das conversas com as crianças e das práticas por elas desenvolvidas, como elas representam a realidade que a televisão lhes oferece. Como era de esperar, as significações e interpretações da telenovela em análise nem sempre convergem, isto para provar a heterogeneidade que obedece esta categoria geracional-*infância*.

Com estas conclusões preliminares, não pretendemos de forma alguma levantar análises conclusivas sobre esta realidade, pretendemos sim levantar alguns elementos que consideramos importantes para a compreensão sociológica das práticas televisivas infantis. Destas análises, concluímos que a televisão ocupa um lugar importante na vida das crianças, na medida em que algumas delas afirmam não se imaginarem sem este aparelho em suas casas, apesar de muitas vezes ocuparem-se de outras actividades durante o dia.

A presença da televisão naturalizou-se universalmente, e enquanto elemento universal é frequentemente central no espaço habitacional, talvez essa naturalização tenha contribuído para que as crianças do estudo, num primeiro contacto não fizessem menção a televisão como fazendo parte das suas actividades quotidianas. Tal como não dizem o que comem às refeições, se vão a

escola a pé ou de algum transporte, é porque tais actividades revestem-se de um estatuto óbvio e não natural e só merecem referência se se tornarem objecto de um acontecimento particular.

Não há um quotidiano da infância, mas sim quotidianos socialmente condicionados, multifacetados, complexos e não estanques entre si. Porém, a aparente unidade decorrente da pertença a um mesmo segmento etário, recobre necessariamente uma pluralidade de situações que não podem ser ignoradas. O estudo permite-nos chegar a conclusão de que a televisão é simultaneamente um dispositivo técnico, uma indústria cultural e um conglomerado de utilizações e de práticas a que os indivíduos e grupos sociais recorrem.

Foi-nos possível concluir também que novas formas de se expressar surgem, os assuntos que dominam durante as conversas são também relacionados com a telenovela *Malhação*. As crianças chegam até a discutir entre si quando o seu companheiro discorda com algum comentário seu que tenha visto na novela, isto é, a telenovela faz com que determinadas relações surjam entre as crianças que por vezes são relações conflituosas, a televisão passou a ser mais um amigo que gera conflitos, inclusões de uns e exclusão de outros.

Nas práticas de inclusão podemos identificar as relações de amizade que se estabelecem entre as crianças que acompanham a mesma novela, que geralmente são relações sexualmente formadas. Para elas, a telenovela *Malhação* é um amigo que faz outras amizades. De referir que ao incluir determinadas crianças, está automaticamente a excluir outras do grupo, pois quem não assistiu a telenovela no dia anterior não estará enquadrada na conversa do dia seguinte. Este processo de inclusão e exclusão, Madureira Pinto (1991) chama de processo de identificação e identificação.

Concluimos também que a televisão é um meio de aprendizagem que fornece às crianças, não só materiais simbólicos de comportamento, como também conhecimentos que são recebidos na escola e que são complementados pela telenovela. Porém, a ideia de que a televisão suscita nas crianças comportamentos agressivos deve-se ter em conta com outros factores que agem em conjunto e que influenciam nesse comportamento. Não é a televisão por si só que influencia negativamente no comportamento das crianças, mas com quem se vê a televisão, o relacionamento dos pais, a existência ou não de conflitos intra-familiares, entre outros factores.

Durante as actividades das crianças, constatámos que para além da televisão, durante o dia elas ocupam-se na prática de brincadeiras tradicionais, o que para elas é algo que imana das suas práticas diárias e que se lhes pedissem para escolher entre ver a Malhação e jogar a bola elas com certeza prefeririam jogar a bola, isto para os rapazes, enquanto as meninas optariam por saltar a corda por exemplo.

Em todos os itens acima mencionados, as crianças mostram-se activas na relação com a televisão, pois ao reapropriarem-se dos conteúdos televisivos, recriam as brincadeiras, os conceitos e as expressões segundo os seus mundos de vida, próprios da sua condição de infância. Neste sentido, consideramos a hipótese válida e os objectivos alcançados, na medida em que ao confrontarmos a prática e o quadro interpretativo escolhido, verificámos que as crianças têm a capacidade de interpretar e criar novas formas de convivência na relação de pares, conforme a maneira como percebem os conteúdos.

Todavia, os novos questionamentos que sugerimos ao longo do trabalho servirão de guias para novas investigações que tenham a criança no centro da análise, criança como actor social, criança como produtora da sua própria cultura. Olhar para os processos de mediação entre as crianças e os *media*, analisar o papel dos pais na recepção televisiva, reflectir sobre as aprendizagens de conteúdos escolares na televisão, entre outras linhas de pesquisa.

Apesar desta descrição sobre as crianças e a televisão, ainda há muito por se reflectir em termos sociológicos na área das Tecnologias de Informação e Comunicação em Moçambique, principalmente na relação destas com as crianças, por se tratar de uma linha de pesquisa recente na área da sociologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe, *História Social da Criança e da Família*, Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1981.

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. *A Construção Social da Realidade: Tratado da Sociologia do Conhecimento*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

CLEMENTE, Paulo et all. *Dicionário Prático de Filosofia*. Lisboa: Terramar editora, 1997.

Código Civil. República de Moçambique. 1ª ed. Plural editores, Porto-Portugal. 2003. Pg. 50.

COLONNA, Elena. *O Lugar das Crianças nos Estudos Africanos. Reflexões a partir de uma Investigação com Crianças em Moçambique*. In: Muleka Mwewa (org.), *África e suas Diásporas: Olhares Interdisciplinares*. São Leopoldo: Nova Harmonia. 2008.

_____ *Investigação com Crianças e Metodologias Participativas*. Reflexões a partir da Experiência numa Escola da Periferia de Maputo.2000.

Convenção sobre os Direitos da Criança (CDC). Aprovado pela Assembleia-geral das Nações Unidas, em 20 de Novembro de 1989 e ratificado pelo governo da república de Moçambique em Outubro de 1990.

CORSARO, William A. et al. *Differences in Children's Construction of Gender Across Culture: An Interpretive Approach*. In: *American Behavioral Scientist*. SAGE publications, 2003.

_____ *A Reprodução Interpretativa no Brincar ao "faz-de-conta" das Crianças*, in: *Educação, Sociedade e Culturas*, n° 17, 2002.

_____ *Ethnographic Studies of Children and Youth: Theoretical and Ethical Issues* In: *Journal of Contemporary Ethnography*. 1999.

COULON, Alain. *Etnometodologia*. São Paulo: editora Vozes, 1997.

DEMARTIS, Lúcia. *Compêndio de Sociologia*. Lisboa: edições 70, 1999.

DIAS, Maria O. *A Família numa sociedade em Mudança: Problemas e Influências Recíprocas* (s/d).

FEILITZEN, Cecília von. *A criança e a violência na tela: Artigos de pesquisa*. In: CALSSON, Ulla, FEILITZEN, Cecilia Von (org). *A Criança e a Violência na Midia*. cortez editor. 2ª ed. São Paulo, Brasil, 2000, 49-60.

GIDDENS, Anthony. *Os Meios de Comunicação de Massa e a Comunicação em Geral*. In: GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. 6ª ed. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, 2008.

HAMMARBERG, Thomas. *Crianças e influências nocivas da mídia: o significado da Convenção da ONU*. In: CALSSON, Ulla, FEILITZEN, Cecilia Von (org). *A Criança e a Violência na Midia*. Cortez editor. 2ª ed. São Paulo, Brasil, 2000, 23-34.

HUO, Teles. *Potenciais de violência nos alunos de escolas primárias de Inhambane e Zambézia*. In: Unidade de Diagnóstico Social. *Linchamentos em Moçambique II*. Imprensa Universitária, 2009, 109-118.

Instituto Nacional de Estatística (INE). *Resultado do II censo geral da população e habitação*. Maputo, INE: 2007.

LEMISH, Danifa. *Lutando contra a violência na televisão: um estudo de caso Israelense*. In: CALSSON, Ulla, FEILITZEN, Cecilia Von (org). *A Criança e a Violência na Midia*. cortez editor. 2ª ed. São Paulo, Brasil, 2000, 149-165.

MACAMO, Elísio. *A Leitura Sociológica*. Maputo: Imprensa Universitária, 2004.

McCRUM, Sarah et al. *Entrevistar Crianças: Um Guia para Jornalistas e outros Interessados*. Rede de Criança, Save The Children, Reino Unido. 1994.

MANNHEIM, Karl. *Contribuição para uma pesquisa qualitativa: Uma aproximação entre a história Oral e o Método Documentário de Interpretação*: Revista Espanhola de investigação sociológica, nº 62, 1980

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Sociologia Geral*. São Paulo:Atlas, 1999.

MERLO-FLORES, Tatiana. *Porquê assistimos à violência na TV?* In: CALSSON, Ulla, FEILITZEN, Cecilia Von (org). *A Criança e a Violência na Midia*. cortez editor. 2ª ed. São Paulo, Brasil, 2000. 187-215.

MINAYO, M.C.S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

Ministério da Administração Estatal. *Perfis Distritais*. Edição 2005.

ORLANDI, Elias P. *O Discurso Fundador: A Formação do País e a Construção da Identidade Nacional*. Campinas: editora Ponte, 1993.

PEREIRA, Sara de J. G. *A Televisão na Família: Processos de Mediação com Crianças em Idade pré-escolar*. 1998. 219 pg. (Tese de Doutoramento em Sociologia da infância) Instituto de estudos da criança, Universidade de Minho. Braga. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/4265>. Acessado em: 23 Mar. 2009.

_____. *Criança e Televisão: Convergências e Divergências de um Campo de Estudo*. Braga, 2008.

PINTO, José Madureira. *Considerações sobre a produção social de identidade*. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 32, 1991, pp. 217-231.

PINTO, Manuel. *A televisão no quotidiano das crianças*. Edições Afrontamento. Porto, 2000.

SARAMANGO, Sílvia S.S. *Metodologia de Pesquisa Empírica com Crianças, Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 35, 2001.

SARMENTO, Manuel J. *Sociologia da Infância: Correntes e Confluências*. in Manuel Sarmento e Maria Cristina Soares de Gouvea, *Estudos da Infância*. Petrópolis: Rio de Janeiro. 2008.

_____ *Conhecer a Infância: Os Desenhos das Crianças como Produções Simbólicas*. Edições ASA, Lição nº 8, Porto, 2006.

_____ *Estudos da Infância: Educação e Práticas Sociais*. Petrópolis, Rio de Janeiro, editora Vozes. 1998.

_____ *As Crianças e a Infância: Definindo Conceitos, Delimitando o Campo*, in M. Pinto e M. J. Sarmento (Coord.), *As Crianças: Contextos e Identidades*. Braga. Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho. 1997.

<<http://www.diariodeumsociologo.blogspot.com/>>. Acessado em: 20 de Julho de 2009.

WARTELLA, Ellen. et al. *A criança e a violência na televisão nos EUA*. In: CALSSON, Ulla, FEILITZEN, Cecília Von (org). *A Criança e a Violência na Mídia*. cortez editor. 2ª ed. São Paulo, Brasil, 2000, 61-70.

YUSHKIAVITSHUS, Henrikas. *Crianças, mídia e violência*. In: CALSSON, Ulla, FEILITZEN, Cecília Von (org). *A Criança e a Violência na Mídia*. cortez editor. 2ª ed. São Paulo, Brasil, 2000, 15-16

ANEXO

GUIÃO DE CONVERSAS:

Relação das Crianças com a Televisão

1. Como é que é o seu dia desde o amanhecer até o anoitecer?
2. Tens assistido televisão?
3. Qual é o período do dia que assistes televisão?
4. Quais são os programas que mais gostas de ver? Porquê?
5. Com quem tens assistido a televisão?
6. Gostas de assistir a novela malhação?
7. O que mais gostas de ver na novela? Porquê?
8. O que aprendes com a malhação?
9. Já te imaginaste sem televisão em casa. Como te sentirias?
10. De oque brincas em casa e na escola?
11. Se pudesses escolher entre assistir malhação e jogar a bola ou saltar corda o que escolherias?
12. O que aconteceria se um dos teus amigos não assistisse a mesma novela que tu?
13. Você conversa com os teus amigos sobre os assuntos da telenovela.
14. Sobre o que vocês falam?
15. Do que é que brinca que tem a ver com a telenovela?
16. Com quem brincas e onde?
17. Que outros jogos gostas de jogar?